



A
1380

G. H. B. d. A. d. J. ...
Jules de ...
Garcia

GABRIEL PEREIRA

S

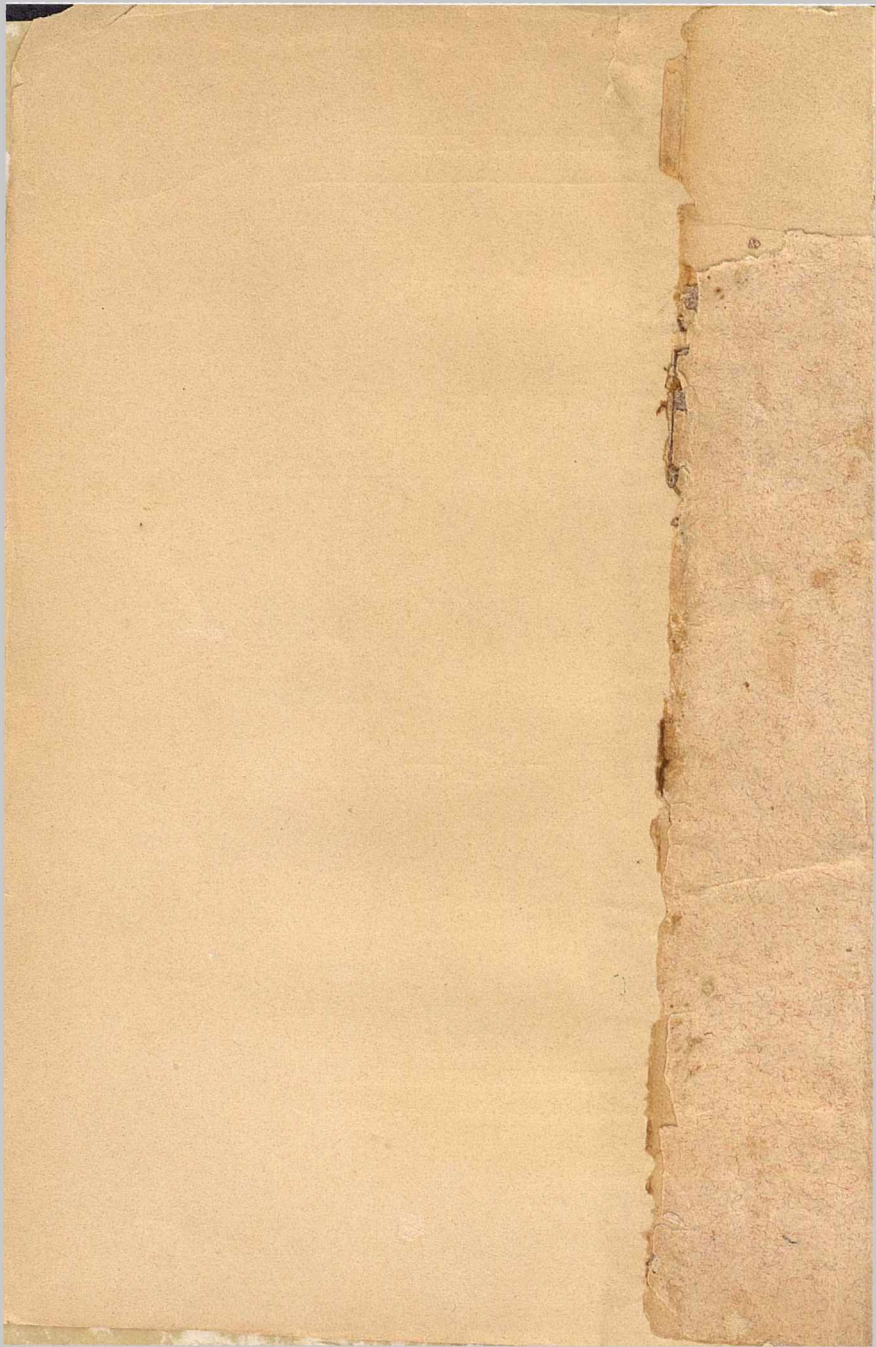
R.º

10.85.22/3.71º14

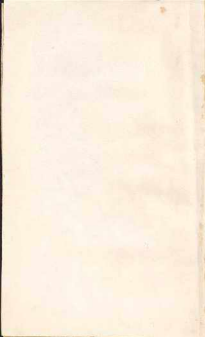
MADRUGADAS



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE J. JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ, 93
1888







MADRUGADAS



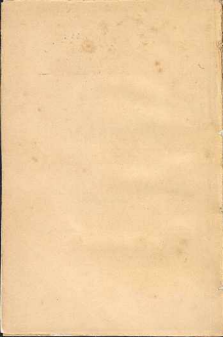
A
4380

GABRIEL PEREIRA

MADRUGADAS



EVORA
MINERVA EBORENSE
DE J. JOSÉ BAPTISTA, RUA D'AVIZ. 93
1888







BIBLIOTHECA PUBLICA
DE
EVORA
REG. A FL. _____ DO LIV. _____

AOS AMIGOS EBORENSES

Madrugadas, pois escrevi estas ligeiras narrativas pelas madrugadas compensadoras das séstas estivaes.

Em Evora, em julho e agosto, ha dias de calor abafado; nada mitiga o sol implacavel; a altitude é sufficiente a rarefazer o ar; as brisas maritimas não alcançam o planalto alemtejano; o ar carece de humidade; as pequenas ribeiras dos arredores sécam completamente; as queimadas, as roças, bem que longinquoas, — no termo da cidade são raras as manchas de matto, — formam um aro de calor. Inevitavel a sésta; ha uma prostração que vence todas as energias. Dormia pela tarde, velava pela noite alta, até dia claro.

No meu quarto, depois do jantar, ia chupando vagamente, indolentemente, o charutinho; depois curvava-me á lei geral, isto é, deitava-me...; ás vezes a sésta chegava... á noite. Velava depois.

Feito o passeio da praça, lidos os papeis na Botarasa, tendo palestrado um pedaço no Canudo, tomado o chá em familia, um bello copazio de chá frio,

dadas as boas noites, recolhia-me aos meus papeis e volumes... escrevia uma carta... percorria algum livro velho ou novo... tomava umas notas, uns apontamentos;... e sentindo-me saturado de historias graves, de veneraveis archeologias, o espirito fluctuava no enlevo do caso, da hypothese, do apolo-go... e alta noite, já pela manhãzinha a romper... no grande silencio... eu perpetrava uma narrativa.

Aquelle grande silencio no ar tepido... cortado ás vezes de sons brandos, indolentes tambem, do zumbido do moinho de vento... das esquilas do rebanho que passava pelas terras muito ao longe, todavia bem definido, de doce vibração; na manhã já clara o mugido da vacca leiteira... o sopro da aragem da alvorada aromatisado do feno dos campos, dos restos dos farregeaes.

Só ha poucos annos appareceu outro ruido, um motim novo de moderno factor de trabalho. Uma bella madrugada, no silencio solemne da historica cidade, feriu de subito um silvo agudo, vibrante, o

da machina a vapor de uma fabrica proxima, que antemanhã apita para despertar os operarios.

N'essas madrugadas nasceram as pequenas narrativas em intervallos de estudos.

Publicadas em diversas folhas algumas agradaram e aqui reuno agora as que me parecem mais definidas.

Não aspiram a primores litterarios, nem tenho paciencia para limar periodos e fabricar phrases; são producções de momento; fórmulas onde tentei fixar uma ideia ou deducção suscitada por facto trivial; ou *caso* que me feriu a attenção.

Quantas vezes a diversão terminou já nado o sol, rota a serena quietação... e eu largava a penna sorrindo da mania, a consciencia em paz pela ausencia do peccado na intenção.

Verdadeiras, sempre filhas de certo incidente positivo, talvez uma ou outra narrativa quadre a espiritos singelos; ou possa levar bom conselho practico a quem errar por não cuidar ou reparar.



A CHICA DO VAIRÃO

Sades é uma aldeia na falda sul do Bussaco; eu nem sabia da existencia d'ella; um dia, depois de percorrer a matta, quiz ver os pontos da serra onde se feriu a celebre batalha. Quando se falla no Bussaco entende-se logo a matta, a formosissima floresta; só uma pequena parte da montanha, o extremo occidente, está revestido de arvoredos; fóra da matta a serra é agreste, escalvada; para os lados da Beira esmorece em cerros e collinas, monotonas, asperas; tem poucos valles

mimosos, muitos cheios de fraguedos estereis; é até uma região triste essa que hoje percorre o caminho de ferro da Beira até Santa Comba, de tunnel em viaducto, de viaducto em trincheira, sempre em curvas e declives arrebatados. Mas a vertente sul do Bussaco, a que olha para Coimbra, é bem diversa; o declive é rapido, continuado; em vinte minutos de descida passa-se a região agreste, entra-se em mattos altos, logo em bellos pinhaes, a que succede risonha paisagem, mimosa, povoada de vergeis, de culturas, de pequeninas aldeias.

Sades é uma d'essas aldeias, mesmo encostada á montanha, em regaço de brandas collinas; vista de cima, lá dos pincaes, é um grupo de casas rodeado de oliveiras, castanheiros, ornados de pampanos virentes; uma pomba no seu ninho de relvas e musgos. No centro uma igreja, e uma casa modesta, mas de um pittoresco, de uma frescura captivante;

uma grande parreira corre pela frente, roseiras de armar molduram as janellas, e uma hera gigantesca, secular talvez, foi trepando pelo cunhal, alastrou-se pelo telhado, revestiu parte da chaminé, e invadiu o campanario.

Captivou-me aquella paisagem deliciosa; desci da serra, entrei na aldeia.

— Quem tem a dita de morar n'aquella casa toda vestida de verdura e flores?

— É a casa do sr. cura; vá lá, que elle gosta muito de conversar.

Estava aberta uma janella do pavimento inferior; via-se uma officina de marceneiro e torneiro; approximei-me, vi um velhote, de oculos, em mangas de camisa, curvado sobre um banco de trabalho; com uma goiva cortava no toro de carvalho que já mostrava o esboço de uma estatua.

— Bons dias, meu senhor.

— Ora viva, guarde-o Deus, meu caro senhor.

— Então também se trabalha por aqui em esculptura?

— Sim, senhor; d'aqui vae sair um S. José; é para a igreja de Cacemes; o senhor vem encommendar algum santo? pois agora terá de esperar, este está com pressa e leva uns 15 dias ainda, e como vê cá a officina tem um operario só.

— Não senhor, passava por aqui, gostei de vêr esta casa. . .

— Pois veja, veja á sua vontade e se quer entre, sem cerimonia.

— Aqui é a morada do sr. cura?

— Um seu creado.

— Ah! é o senhor? perguntei admirado.

— Em carne e osso, olhe — e muito risonho tirou o carapuço preto e mostrou-me a coroa.

Decididamente eu sympathisava immenso com o velhote.

— Não é o primeiro que se admira, creio que sou o unico padre que sabe

fazer santos, tirando o Papa. Como vê, uns bellos santos de carvalho ou castanho.

Em breve estavamos como amigos velhos; o meu pequeno farnel juntou-se ao modesto jantar do cura; á mesa estava tambem a irmã, senhora idosa, e o sacrista, um sujeito que era ao mesmo tempo barbeiro, negociante, mestre de meninos, e proprietario de um telhal; um accumulador da fortuna.

— É o faz tudo, nunca está parado, nem deixa fallar os mais; dizia o cura que era fallador comô poucos.

Estavamos nós entretidos com um excellente melãosinho, assomou á janella uma rapariga; pela posição em que eu estava fui o primeiro a vel-a; e ella reparando em mim recuou um tanto, sorrindo-se muito; mas um riso, e um olhar vago que logo denunciavam desarranjo mental; gentil mesmo no miseravel vestuario; sorria-se e ao mesmo tempo fazia

signaes negativos com a cabeça e a mão; o cura reparou no meu olhar, e ergueu-se um pouco para ver quem estava fóra da janella.

— Ah! é a Chica do Vairão; toma lá rapariga, anda cá, não te fazem mal;

Ella approximou-se, recebeu um quarto de pão e fructa; depois, rindo-se muito, olhou para mim, disse — não era eu, não era —, e affastou-se correndo.

Fiquei agourado, um louco produz-me sempre uma impressão penosissima, estancou-se-me o bom humor.

O barbeiro disse — É a Chica; o nome d'ella é Francisca Rosa, aquillo é uma pena; era linda, o palminho de cara mais mimoso aqui dos sitios; tinha fama, e rapariga boa de lei, sem nada que se lhe dizer.

— Uma tristeza, e pensar comoaquillo foi.

— Uma maroteira, uma infamia. . .

— Não, um desastre, uma fatalidade;

um engano horrivel. A Chica morava n'um casal do Vairão; é um grupo de casebres que dista de Sades umas cem aguilhadas; ella e o pae: de pequenina ficou orphan de mãe: elle homem honesto e trabalhador, ella aos 14 annos já tecia toalhas e guardanapos; viviam bem; elle não via outra cousa no mundo senão a sua filha, era a menina dos seus olhos, gabava-a a toda a gente, gostava de a trazer muito assejada, comprava-lhe ousos, lenços de seda, tamanquinhos catitas forrados de marroquim; era uma graça vel-a nas festas. Timida, acanhada, corava com qualquer palavra.

Um bello dia uns banhistas do Luso, em alegre burricada, chegaram até Vairão; uma senhora pediu agua; appareceu a Francisca Rosa com o copo; fizeram-lhe muita festa. quanto mais corava mais linda se fazia; convidaram-n'a a apparecer no Luso, que levasse fructas para vender; ella ficou muito grata ás ama-

veis senhoras e no primeiro domingo foi ao Luso, em companhia do pae. Levava o seu vestido de festa, as meias bordadas, com abertos, o lenço de linho muito alvo, de malha larga, sobre os hombros, atando atraz; lenço de seda azul na cabeça, e as suas arrecadas, os seus oiros; fizeram-lhe uma ovação, a gentileza realçava ainda pelo ar de recato, de acanhamento aldeão; tornou-se favorita d'aquellas senhoras, ia passar dias com ellas; o contacto de certas pessoas, nas melhores intenções, é ás vezes prejudicial; ha mentes que entontecem facilmente; ella mudou um pouco de character, tinha sido admirada, festejada por aquellas senhoras ricas da cidade; uma sementinha de vaidade, pequenina; mas ha cousas pequeninas, muito pequeninas, que são funestas; olhem esses organismos microscopicos que devastam cidades em poucos dias. A rapariga julgou-se superior ás da sua igualha, ficou sabendo que a frescura

da pelle, a belleza das formas, a côr do cabello eram attractivos dominadores; ficou sabendo que era bonita; ao mesmo tempo as outras raparigas vendo-a tão chamada e presenteada ficaram invejosas, desestimaram-na; e os rapazes estranharam-na porque os tratou com certo desdem, respondendo sempre muito séria. E ella cada vez mais linda moça, mais guapa rapariga; a Chica do Vairão era o sonho, o enlevo de muitos rapazes; aos 18 annos era a grande formosura d'aquelles sitios; deitava luz a rapariga.

Um dia, pelas dez da manhã, appareceram em Sades dois homens vestidos á maneira da cidade, mas de fato encebado e ruço; montando uns burritos hirsutos.

— São beleguins, disseram logo na aldeia.

Perguntaram pelo Vairão; indicaram-lhe a vereda; uma mulher mais atrevida perguntou-lhes o que iam fazer; não de-

ram resposta; um rapaz correu logo por um atalho, avisar os amigos, desconfiado de que iam prender alguém para soldado. Nada, os beleguins chegaram ao Vairão e perguntaram pelo casal onde morava uma rapariga chamada Francisca Rosa.

Grandes commentarios logo; seria deixa? ou presente? ou convite para casa das taes senhoras banhistas?

Os homens entraram, e conversaram com o pai; o velho ficou aterrado; elles não sabiam ou não quizeram dizer o motivo, disseram só que tinham ordem de levar a filha presa para Coimbra; eram bons homens porêm; chefes de familia, queriam-lhe poupar vergonhas, elle que levasse a filha a Coimbra, no dia seguinte; que dêsse a palavra de honra. Elle prometteu. A Chica soube apenas que no dia seguinte iria com o pai a Coimbra; porque? nem o pai sabia; os homens nada descobriram, sahiram deixando a incerteza, o susto apenas.

Chegaram a Coimbra pelas 11 da manhã; foram logo ao sitio marcado.

Perguntaram-lhe nome, idade, filiação; depois: então que tem a dizer a respeito do caso?

— De que, senhores?

— Ah! quer negar? da criança?

Ella sentiu uma martellada na cabeça; o pai adiantou-se nervoso, balbuciante.

— Mas que é isso, senhores? que historia de criança é esta?

— O que é? é essa criança morta que appareceu no poço do casal.

— Oh! senhores! eu estou doido, eu vou perder a cabeça; lá não appareceu criança nenhuma.

— Fazem bem, neguem, estão servidos.

A rapariga estava pallida, com os olhos esgazeados, convulsa.

— É melhor confessar. . .

— Confessar o que? isso é uma mentira infernal, ninguem tem nada a dizer á minha filha, haverá honestas como el-

la, mais honesta não ha nenhuma. Meu Deus! eu vou perder o juizo.

— Então a menina não diz nada?

Ella soltou um grito flebil, e tombou para traz, despedida, batendo na secretaria e rolando ao chão.

Separaram-nos. Ella voltou a si, n'uma casa que desconhecia.

— Onde estou?

— Está com boa gente, descanse, disse-lhe uma voz agradável; era a mulher do carcereiro.

— Meu pai?

— Está bom, espere, foi tratar de um negocio, não se póde demorar.

A mulher do carcereiro inspirou-lhe confiança; conversaram; quando o marido voltou ella chamou-o de parte.

— Esta menina está innocente.

— Que dizes tu?

— Digo-te isto, juro-o por tudo quanto ha de mais sagrado, não pode ser, houve engano com certeza; meu Deus, se á

nossa filha succedesse uma d'estas! Vai já contar isto.

Só dois dias depois appareceram uns sujeitos na casa do carcereiro a fazer perguntas.

— A menina não se chama Francisca Rosa?

— Sim senhor.

— Não mora no casal do Varrão?

— N'um casal do Vairão é que eu moro.

— Vairão ou Varrão?

— Vairão é que está escripto, disse um dos sujeitos.

— Varrão está aqui no mandado.

E os taes sujeitos começaram a questionar se era Varrão ou Vairão.

— Vairão é ao pé de Sades, é onde eu moro, senhores; Varrão é para lá de Cacesmes, mais de meia legua.

— Aqui está como ellas se armam, dizia o sujeito mais authorisado, ralhando com os outros; um engano d'estes...

Pai e filha sahiram da cadeia pela tarde; pouco tinham andado quando elle parou, levou a mão ao coração e disse que sentia ali uma dor, uma afflicção grande.

— Minha filha, mataram-me; era melhor cravar-me aqui no coração um punhal; o que esses homens fizeram sem pensar! Ella desafogou então em lagrimas.

Em Sades e no Vairão já se sabia do caso; um homem de Sades voltára na vespera de Coimbra, e contára logo o escandalo; a Chica estava presa accusada de infantecidio; ninguem na aldeia tinha que dizer á pobre rapariga mas acreditou-se na infamia; só faltava explical-a.

— Quem sabe o que succederia quando ella foi tantas vezes a casa das taes banhistas?

A lembrança de uma foi a causa certa para outras.

— A Chica, aquella tola, parecia que não quebrava um prato.— Ora que sonsa!

As invejosas vingaram-se. O pai falleceu com uma lesão no coração; ella desapareceu por uns dias, em seguida ao enterro; appareceu depois . . . louca. Sempre a sorrir-se, fazendo signaes negativos, e dizendo apenas as palavras que lhe ouvi — *não era, não era eu.*





UM DIA NO CAMPO





BIBLIOTECA PUBLICA
DE
LIVROS
REG. A FL. 00 000

UM DIA NO CAMPO

No sabbado pela tardinha o Manuel Simas . . . quem não conhece o Simas pedreiro? aquelle formoso mocetão, trabalhador como poucos, e honrado que ninguem tem que lhe diga? aquelle é ouro de lei! Mas, como ia dizendo, no sabbado depois de trindades, mesmo ao entrar na travessa do Cosme, que é onde mora o Simas, encontrou elle o José Valle que voltava tambem do trabalho.

— Olá, Simas, boa noite.

— Ora viva lá, amigo Valle, como vai isso?

— Quando mal nunca pior, e você que diz ao tempo?

— Isto agora não tem corrido mal, vamos indo como Deus é servido.

— E lá a tua cara metade?

— Menos mal, graças a Deus.

— É verdade, tu ainda não viste o meu rapaz, ora vem d'ahi.

— Pois vamos lá ver o pequeno; eu não pude vir ao baptisado, tive pena, estava trabalhando no monte do Olmo, que fica muito longe; andei lá tres semanas.

— Pois se você estivesse cá, eramos hoje compadres, estavas apanhado para levar a criança á igreja.

— Homem, obrigado, não hão de faltar occasiões, hein? mas visto que você fallou n'isso apanho-te eu primeiro.

— Que me dizes, homem?

— Que d'aqui a mezes, segundo diz

lá a mulher, já o meu Joaquim tem irmãosinho novo.

— De filhos é que os pobres são ricos.

— Eu por ora não me queixo.

— Ah! eu tão pouco, ainda me não arrependi de ter mudado de estado; saúde e trabalho é que eu peço.

— Pois o dito dito, e de hoje em diante ficamos compadres.

E entraram em casa rindo.

— Ora viva a comadre Izabel! gritou o Valle para a mulher do Simas que estava no quintal; ella ficou admirada do cumprimento e satisfeita quando lhe explicaram o motivo.

— Então que se faz, comadre?

— Ora, o que está vendo, arranjanço este cordeirinho que está bem bom.

— Melhor estará amanhã, depois de passar pelo forno.

— E então cá a minha cara metade que tem dedo para temperar este petisco,

— Oh! compadre, vá lá uma extra-

vagancia barata. Vamos comer o petisco no campo, debaixo d'uma arvore boa; os dias tem estado lindos.

— Está dito, com a condição de irmos pela manhã bem cedo.

— Está visto, vou já dar parte á minha serva de Deus; e não contem com o pão e o vinho.

— Se lhe parece vamos á quinta do compadre Diogo.

— Seja, o caso é haver boa sombra.

— Laranjas ha ali na horta proxima, e hortaliça de sobra.

— Tudo se ha de arranjar. Olhem que ás seis horas cá lhe venho bater á porta.

— Pois está dito.

Na manhã ainda antes das seis já o rancho estava reunido. O Simas tinha convidado o visinho Daniel e mais familia; o Valle convidou o compadre Bento, carpinteiro, e este levou as sobrinhas; era um rancho magnifico, ruidoso, mulheres com crianças ao collo, outras pela

mão; rapazes saltavam, corriam na frente, atiravam pedras aos gatos; raparigas coradas desfaziam-se em gargalhadas; os homens iam mais atrás, mais graves, levando cestos, lenços com embrulhos; as sobrinhas do Bento levavam umas surpresas, umas condeças muito catitas, com suas fitinhas; não queriam dizer o que ia dentro. Ninguém sabia também como tinha apparecido outro cordeiro assado, e um cesto com seu guardanapo muito alvo que deixava apparecer dois gargalos muito pretos, com suas rolhas lacradas muito encarnadas, tudo mysterios!

Ao passar pela rua do Gamo, disse a Izabel ao marido:

— Ora se tu convidasses a mana Rita, coitadinha, como ella gostaria de passar o dia comnosco, no campo.

— Porque não? mas tua irmã quereirá ir?

— Talvez.

— Mas olha, a companhia do marido talvez não agrade ao rancho todo.

Isto dizia porque o marido da Rita, o Henrique, deu ultimamente em desordeiro; não é mau rapaz no fundo, e sabe do seu officio a valer, mas é grosseiro, foi mal educado, muito amigo de pimponices, e de genio violento; assim tivesse elle energia para o trabalho, mas qual! em apanhando algum vintem elle ahi vai com outros do seu feitio, perde dias e dias de trabalho, embriaga-se, joga, bate na pobre mulher, uma santa rapariga que já sabe muito bem o que é a miseria.

Bateram á porta; nada de resposta, ainda estavam a dormir: bateram mais forte; sou a voz da Rita.

— Ahi vou, quem é?

Abriu o postigo; appareceu a pobre rapariga, pallida, com os olhos vermelhos como de quem chorára; ficou muito confusa quando viu o rancho. As mulheres fallavam todas a um tempo.

— Vamos passar o dia no campo.

— Um dia de folga. A manhã está de appetite. Vamos comer o ensopado á sombra d'uma arvore.

— Não vou, não posso ir. . .

— Então porque? Vem d'ahi. O teu marido ainda está a dormir?

— Espera, que eu vou acordal-o, disse o Simas, e entrou; mas a pobre rapariga foi atraz d'elle.

— Mano, não diga nada aos outros, não posso ir, nem tenho calçado. . .

— Mas o teu homem? . . .

— Não sei, não recolheu esta noite, estou á espera d'elle.

O Simas saiu disfarçando o caso.

— Para a outra vez será, adeus Rita.

Ao sair da cidade disse o Daniel para o Bento:

— Ainda bem que elle não veiu. Eu continuava por honra da firma; mas o gosto fugia. Não sei onde aquelle homem ha de ir dar comsigo.

— Sim, eu já tenho ouvido dizer umas coisas; olha, aqui entre nós, elle sempre foi exquisito, com fumaças de valentão...

— E agora deu-lhe para o jogo...

— Uma desgraça, e não é mau artista, sabe do seu officio...

— Pois isso ainda faz mais pena, podia viver tão bem!

O rancho seguia estrada fóra, alegre, ruidoso, no fresco ar da manhã d'abril; a natureza folgava; tudo crescia e florescia; as searas de verdes variados, em tons setinosos, ondulavam nas largas curvas das terras; nos regos, pela beira dos caminhos moitas de malmequeres alvejavam; papoulas de vivo escarlata sobresahiam muito, formando effeitos de grande frescura e delicadeza nas transparencias das searas de centeio; aromas de favaes floridos expandiam-se das hortas onde as pereiras e gamboeiras pareciam noivas risonhas na pompa das flo-

res; as romeiras mettiã tons vermelhos entre as alvuras; pela estrada saltitavam as cotovias, e erguiam-se no ar em vôos curtos, incertos, soltando pios alegres; mais acima passavam corvos, voando com grande ruído, crocitando muito entusiasmados; bandos de pardaes esvoaçavam de arvore em arvore, fazendo grande chiadeira atraz das pardalas, um desaforo! Varas nodosas escuras dos bachellos começam a deitar rebentos verdeclaros, orlados de purpura, muito esperotos, como a dizer «— vamos agora ter festa, vamos desferrar-nos dos longos mezes de inercia». Esquilas de um rebanho distante enchiam o ar de grande sonoridade dôce; uma vacca torina seguia vagarosamente a estrada, sem perder de vista o bezerrinho, uma graça, que pulava em redor da mãi, e de vez em quando ia roçar o focinho nas tetas rosadas, inchadas de leite. Mulheres das quintas vinham para a cidade, á missa

e ás lojas, com os seus vestidos de côres vibrantes, saia arregaçada mostrando as meias mui claras, o braço direito oscilando muito; homens com seus bordões de marmelleiro, vinham em grupos conversando das escavas, do tempo, das searas, das variações das jornadas.

— Ora vivam! bom dia.

— Ora, salve-os Deus.

— Os da cidade vão para o campo, e os do campo para a cidade.

— E que bello rancho, com um tocador arranja-se um bailarico.

Ao entrar no campo do Espinheiro houve panico nas raparigas; eguas e potros pastavam; os rapazes começaram a gritar, e um atirou pedras. Um potro castanho brincalhão e espantadiço, airoso e leve como um gamo, começou aos pinchos pela relva, os outros potros desata-ram em correrias e saltos, e ao mesmo tempo o guarda berrava-lhes, e correndo atirou-lhes o cajado que foi descre-

vendo circulos cahir nas moitas de mal-mequeres, brancos de neve.

Ao chegar á quinta é que foi azafama ; a quintaneira ficou doida de alegria, os filhos, umas bellas creanças, rijas e vermelhaças, travaram logo relações com a pequenada do rancho.

— Eu trago um apetite !

— Pois nem vejo com fome !

— Isto o ar do campo faz vontade de comer.

— Vamos tratar do almoço.

A Rosaria e a Brites arregaçaram as mangas, e ellas ahi vão para a cheminé ; as raparigas foram buscar lenha, aos pullos, em grandes risadas ; os rapazelhos foram logo arranjar palhinhas para ir aos grilos.

Depois do almoço a rapaziada foi aos ninhos, aos grilos, fazer estalos com varas de sabugueiro, um delirio de brincadeira ; as raparigas colhiam rosas, papoulas, madresilva e faziam ramos, en-

feitavam o cabello, muito córadas, esbrasiadas pelo sol que dá o cavaco pelas caras bonitas; os homens fizeram malhas com pedaços de tijolo e em mangas de camisa chinquilhavam á sombra das oliveiras; as mulheres passeavam de braços dados, papagueando muito.

De subito um grande silvo vibrante, e logo um rugido a crescer, como trovão.

— É o comboio; vamos ver passar o comboio.

E correram todos para o pé da linha; via-se já o vapor branco da machina brincando sobre a ramaria dos olivae; e viram passar o comboio, veloz, na sua colossal pompa, estrujindo metallicamente, lançando vapor e fumo n'um resfolgar de gigante, n'uma grande magestade de força e movimento: as mulheres acenavam com os lenços, alguns passageiros gritavam alegremente, o machinista brincando largou dois grandes jactos de vapor e fez silvar de um modo desusa-

do, comico; os cães corriam ao lado, latindo, muito afflictos.

Depois o rancho todo invadiu a linha, os rapazes corriam uns após outros, guinchando, imitando o comboio; as meninas tentavam andar pelas calhas, rindo muito quando perdiam o equilibrio.

— Vamos indo para casa, vai chegando a hora de jantar.

Tinha chegado mais gente, uma vizinhas e parentes da quintaneira, umas raparigas frescas como alfaces.

— Agora sim, que vamos fazer um bailarico!

— Vivam as raparigas!

— Então o tocador? falta um tocador.

— Aqui pela vizinhança não ha tocador?

— Ha ali o José do Carriço mas talvez fosse para a cidade.

— Mas talvez não fosse, vamos lá ver.

— E vamos ali á horta da Cegonha comprar laranjas.

E lá foi o rancho todo descobrir o tocador e as laranjas.

Tocador vistel-o? tinha ido para a cidade. Para consolação tinham descoberto coisas admiraveis, traziam laranjas optimas, uma alcofa de bellas alfaces, a Rosaria achou uns pés de pepinella, a Adelaide colheu tres bons mólhos de agriões nas vallas, e acabaram a expedição saqueando as roseiras e os lilazes da horta.

— E agora basta de passeio, e tratemos de jantar.

O Simas quiz fazer a salada, era o seu forte; as raparigas arranjaram a mesa, e enfeitaram o cabaz das laranjas com lyrios, rosas, alecrim; descobriu-se o grande mysterio das condeças de fitinha verde, traziam empadinhas, pastellinhos e licôr de hortelã-pimenta! Appetite não faltava e o jantar correu em grandes expansões alegres, de gente amiga, boa, cheia de franqueza.

Terminado o jantar os homens foram

continuar o chinquillo, as raparigas começaram a dançar uma roda, cantando; o tocador não fazia falta.

Os rapazes correram ás moitas dos penedos, ao fim da quinta, por que o filho mais velho do quintaneiro fez de subito uma revelação, disse que um casal de melros fizera ninho nos pilriteiros do vallado.

Pouco a pouco os homens aborreceram-se do chinquillo e vieram dançar na roda, o José lembrou-se de umas modinhas, o Simas cantou a —Viuvinha—, e improvisou quadras ás raparigas.

— Ora esta, então, não é sol posto!

— E é verdade, como passou o tempo!

— Pois toca a retirar, olá, rapazes para aqui, vamos embora.

Custou a reunir o rancho todo. Estava uma tardinha fresca, limpida, no poente finas nuvens mui rubras destacavam na transparencia azulada do ar.

As meninas vinham cantando, de bra-

ços dados, com ramos de flores. Os pequenos fallavam muito das suas aventuras, um trazia a mão arranhada dos carapeteiros, outro rasgára as calças ao descer de uma oliveira.

— Deixa estar, eu te arranjarei.

— Não valle ralhar, filha, aquillo fica bom com uma passagem.

A menina Adelaide ao colher uma rosa picou-se no dedo, e a Bertha rasgou a saia, poucochinho, ao saltar o vallado, eram os grandes desastres. Ao chegar á cidade escureceu mais; os rapazes vinham mais quietos, os mais pequenitos vinham com somno, fatigados da brincadeira.

— Em chegando a casa é cama, isto hoje é uma pedra a cahir no poço.

E vinham todos bem, sãos, os pulmões reforçados do bello ar dos campos, os espiritos generosos, os corações serenos.

Quando avistaram a casa da Rita pa-

raram admirados; estava ali no sitio muita gente, havia grande excitação.

— Que foi? que é?

Uma vizinha disse logo:

— Foi o marido que entrou ahí em desordem e feriu um companheiro. Lá o levaram preso.

Uma desgraça! A Rita, pobre rapariga, parecia doida; a gente da vizinhança queria consolal-a, ella estava em soluços. E tentava ainda desculpar o marido, santa rapariga.

O marido nem jantára em casa, juntou-se com outros como elle, e á tardinha jogaram, pegaram-se de razões, palavra pucha palavra, e passaram a vias de facto; um puchou da maldita navalha, e elle tambem, houve tumulto, gritos, viu-se luzir a faca, e logo um homem tombou no chão.

Então augmentou o tumulto, apitaram, e pouco depois levaram o faquista, aos encontrões, aturdido do crime, para a cadeia. Pobre Rita!

— Tem para peras, aquelle typo, e se o outro morrer vai para o degredo.

Todos tinham dó da pobre rapariga, tão boa e honrada, e tão infeliz com o marido.

— Ora aqui está, um dia tão bom e que fim teve!

— A culpa não foi nossa, se elle fosse comnosco em vez de andar por ahi com más companhias não lhe acontecia uma d'estas.

— E nós que vinhamos tão felizes!

— Nada de tristezas, não podemos remediar o marido, tratemos da pobre mulher. Um dia como este deve acabar n'uma acção boa. Izabel, vai offerecer a casa á tua pobre irmã.



Ô PALACIO DOS RATOS
E A
QUINTA DAS RAPOSAS







O PALACIO DOS RATOS

E A

QUINTA DAS RAPOSAS

O velho fidalgo residia no seu palacio, a casa mais vasta da pequena villa, occupando um lado todo do grande terreiro, em frente da igreja matriz. Uma casa antiga, sombria, com seu largo portão rasgado pelo postigo, ornado de pesados argolões e cães de ferro, e um braço lavrado em escuro granito.

Uma fiada de janellas de sacada, com suas grades de ferro batido, de brinca-

do desenho, sobre outra das janellas do rez do chão inteiramente gradadas como janellas de cadeia.

Aquelle triste casarão, pomposo e dormente, afinava com o habitador que raras vezes mostrava nas janellas a comprida barba branca de neve, a aristocratica estatura levemente curvada.

O fidalgo era uma excellente pessoa, muito cortez, muito attencioso com pobres e humildes. Via-se bem que nos seus tempos fôra um galhardo rapaz; tinha um ar de nobreza e distincção muito sympathico, mas, coitado, estava pobre, os rendimentos não lhe chegavam para as despezas e para os juros; tinha orgulhos e não queria vender coisa alguma para matar os debitos, nem posses para bem cultivar as terras, nem geito nem aptidão nem energia para administrar, porque os paes, eivados das velhas idéas, pouca instrucção lhe haviam dado.

Levava uma vida triste; aprumado e

fingindo bem estar para o publico, mas por dentro cheio de desconsolação, de más impressões vagas.

Para o vulgar era elle ainda um homem feliz, admirado, muito respeitado; fallava-se dos grandes salões do seu palacio, cheios de velhas pinturas, de antigos moveis pesados e solemnes; das grandes alamedas da quinta de cedros e loureiros seculares, e dos jardins de altos muros de murta e buxo com estatuas e bustos de marmore; uns bellos jardins no antigo gosto, abandonados agora, as estatuas vestidas de musgo, os tanques cheios de limos, as arvores sujas; e plantas bravas, todas atrevidas, abafando roseiras e jasmins.

Se elle apparecia nas festas do pequeno povoado, com a sua farda bordada, um tanto ruça nos cotovellos e a gola encebada, todos se descobriam regalando-se de vel-o.

--- Olha o fidalgo! como está ainda

bem conservado! Nos seus tempos devia ser um mocetão!

— E porque não trata elle das terras? perguntavam alguns segredando. Falta de meios? Ora, quem sabe? elle lá se entende! desgostos talvez!

Quem sabia d'estas coisas eram os dois visinhos do palacio, o ferreiro e o lojista.

O lojista era um sujeito já idoso, muito vivo, grande cavaqueador, contando muitos casos, e fazendo muito bem os seus negocios.

Uma loja de terra pequena, mercearias, fazendas, louças, cereaes, tudo, e todo o santo dia gente a sair e a entrar, deixando sempre os seus reaes de lucro; e elle todo risonho, de oculos na ponta do nariz, fazendo as suas notas e contas no livro, fallando sempre, dando ordens aos seus marçanos.

— Trabalhar, rapazes; aqui ha sempre que fazer; não ha freguez a aviar? vae varrer, lavar, arranjar; dobra aquel-

les lenços, enrola a fita, levanta as favas que se entornaram, põe um remendo no sacco do arroz, tapa a talha do azeite, tudo nos seus logares. Aqui não ha descanço, e a brincar mesmo se trabalha; um trabalho distrae do outro.

E quando estava de maré contava casos da sua vida; de como fôra pobre e entrára no negocio, o seu viver economico, methodico. Contava bem, com alegria; sabia uma infinidade de anedoctas, sortidas, proprias para todos os freguezes. As mulheres riam com as historias e os ditos d'elle.

Aos domingos dava funcções na quinta; dança e agua fresca tiradinha da nora; para os tocadores havia sempre um copito; uma quinta muito regular, as ruas muito limpas, as latadas bem armadas, os seus caramanchões de boa sombra, e branquejando entre as verduras frescas das parreiras e do laranjal a casa muito caiada e alegre.

O outro visinho era um ferreiro. era o mais rico da terra. Uma casa enorme cheia de ruidos, de clarões frisando no escuro das ferragens, de montões de socata, de grossos assopros dos foles. O dono do estabelecimento era ferreiro, ferrador, abegão, serralheiro, a tudo se mettia, os seus officiaes não paravam; mal rompia a manhãzinha, ainda antes do siro da matriz dar as trindades, já por toda a aldeia e seus arredores, se ouvia o tim-tim vibrante, alegre do ferreiro.

Elle sempre na faina, as mangas arregaçadas mostrando os grossos braços musculosos, ora junto da forja, o suor a cair em bagas, ora no cepo a martellar, ora á safra, entre os movimentos fortes dos malhos.

Este ria pouco, e gostava pouco de historias; tinha uma vida severa, regulada como um chronometro. Os seus officiaes já não estranhavam; conversa pouca, mas a paga boa e pontual.

Se trabalhavam além das horas tinham gratificação; se adoeciam nada lhes faltava; se se aleijavam, elle lá arranjava em que os occupar e continuavam a vencer; mas se lhe appareciam bebedos apanhavam multa e ás vezes o seu sopapo; se faziam qualquer maroteira punha-os fóra sem discussões.

Era um operario instruido, ás noites lia e estudava; fóra elle que instituiria a associação de soccorros, e a aula nocturna; até aos quinze annos os rapazes da officina tinham menos duas horas de trabalho por dia, mas eram obrigados a frequentar a escola: artistas sem saber ler, escrever e contar, era uma vergonha, dizia elle.

Recebera dos paes educação solida para o seu estado, e moral rigida; herdára apenas alguns pedaços de terra, mas com o seu trabalho e economia as courellas cresceram, e fizeram-se boas propriedades.

Enriquecera; a sua actividade e pontualidade, o rigor no cumprimento das suas promessas, o acabado dos seus trabalhos grangearam-lhe uma grande freguezia; a sua bolsa estava aberta para as necessidades verdadeiras, fechada ás suspeitas; mas ás vezes tinha um trato brusco; por isto era respeitado, mas não tão popular como o logista.

— E' ambicioso, avaro, diziam.

— Para que é trabalhar tanto, sendo já tão rico?

— E' um habito, dizia elle, é uma herança tambem; meus paes educaram-me assim, que lhe hei de eu fazer?

Mesmo nas proximidades da villa, a confrontar com a quinta do fidalgo, tinha elle uma grande propriedade; não havia lá flores e caramanchões como na quinta do lojista, mas grandes vinhedos, bouças de pinhal, soveiros e castanheiros; levadas bem aproveitadas, leiras e agras de milho, e terras de grão, e folhas

de farta pastagem, onde era um gosto ver as vaccas bem nutridas, e o rebanho de gordas ovelhas.

Uma esplendida propriedade, com as suas noras, moinho e lagar, tudo feito pelo dono.

O lojista e o ferreiro, dissémos nós, sabiam da vida do fidalgo, tinham contas com elle; n'uma palavra, elles, que haviam começado do nada, quando os avós do fidalgo eram opulentos, e não se fallava senão das suas pompas e riquezas, eram agora os credores do fidalgo.

E em quanto um trabalhava ao balcão, a rir, a contar historietas; e outro, de sol a sol, fazia carros e arados, noras e moinhos, o fidalgo passeava nas salas do palacio, ou á sombra das fechadas alamedas, lendo as memorias de familia, lembrando feitos dos avós, e as suas grandes riquezas, privilegios e regalias alcançadas na India, no Brazil e nos altos cargos da monarchia.

E emquanto o lojista nas horas vagas não largava a sua quinta, e tratava das suas formosas latadas, das suas flores e hortaliças; e o ferreiro nos momentos feriados punha toda a sua actividade em administrar as suas propriedades, indo ver com os seus olhos, mecher com as suas mãos; o fidalgo de nada sabia, e tudo confiava de procuradores e rendeiros que sabiam muito bem tratar de si: e emquanto a cerejeira do lojista cada dia estava mais linda arvore, toda vestida de roseiras e cartillarias, e o castanheiro do abegão crescia em garbo e vigor, rodeado de esveltas vergontees que todos os annos se cortavam, o velho carvalho do fidalgo se ia carcomindo cada vez mais, musgos parasitas revestiam o tronco sugando a seiva, definhando a grandiosa arvore.

Um dia deu-se um caso engraçado. O lojista appareceu á porta sem rir; asoprava, limpava a testa, o pescoço com

o lenço encarnado; estava zangado, vermelho, fazia gestos singulares.

Ao mesmo tempo o ferreiro voltava da quinta; vinha com modos de apoquentado, o rosto mais serio que de costume.

E de subito, quasi no mesmo instante, o lojista saiu do seu estabelecimento, com uma condeça sobraçada, e o ferreiro voltou caminho, e ambos se dirigiram ao palacio.

Saudaram-se em poucas palavras. Passaram o largo portal, encimado pelo braço; um escudo com leões, estrellas, castellos, e um elmo coroadado e emplumado; subiram a ampla escadaria de marmore, e tocaram a campainha, cujas vibrações sonoras destacaram frisantes no silencio do palacio.

Só minutos depois appareceu uma velhota, de andar arrastado, muito surda, pobrememente vestida; era quem substituia agora o antigo guarda portão, e todo o estado menor do velho solar.

— Se podiam fallar ao sr. fidalgo?

A velhota, fazendo medidas, pondo a mão em concha no ouvido para ouvir melhor, percebeu por fim; retirou, e passados outros minutos voltou com a resposta affirmativa.

Entraram, atravessaram uma serie de salas, de pesada mobilia empoeirada, um todo melancolico, muito silenciosas e sósinhas.

— O sr. fidalgo, murmurou a velha, está na livraria, e pede-lhes que o desculpem de os receber ali.

— Ora essa, não ha de que, nós não somos de cerimoniaes...

Entraram na livraria, um salão vasto, com pouca luz, forradas as paredes de altas estantes de carvalho entalhado.

O fidalgo estava no extremo, junto de uma janella que deitava para o jardim, assentado a um elegante bufete de gentis torneados, um tanto debruçado sobre um taboleiro de xadrez; porque era um

dos passatempos predilectos resolver problemas de xadrez, ali, muito sósinho, no solemne isolamento da vasta livraria.

Ergueu-se quando os vizinhos entraram, muito affavel, inclinando-se levemente, indicando duas cadeiras proximas.

Trocaram algumas palavras de cumprimento; fallaram das saudes, do tempo, da muita chuva, da ultima tempestade. Elle sempre amavel, attencioso, mas marcando bem a differença que o separava dos seus vizinhos.

O lojista muito fallador, muito mexido, com seus ápartes burguezes a que elle proprio achava muita graça, e o fidalgo sorria levemente; o ferreiro um tanto acanhado, fallando quasi por monosyllabos, com os braços apoiados nas pernas, e volteando o chapéu entre as mãos.

— Pois, nosso fidalgo, dizia o lojista querendo mostrar familiaridade, eu venho pedir-lhe um favor. . .

— O meu bom visinho e amigo tem de mim o que desejar . . .

— Obrigado, ex.^{mo} sr., obrigadissimo; a dizer a verdade isto parecerá sem duvida singular a v. ex.^a Lembra-me o caso . . .

— Ahi nos vae elle contar algumas das suas engraçadas ratices . . .

— Oh! como o fidalgo acertou! eu venho tratar exactamente de ratices de v. ex.^a

— Como?

— Eu venho representar, ex.^{mo} sr., contra os ratos, as ratazanas, os arganazes que se criam n'este vastissimo palacio, e que infestam os meus armazens; venho propor uma alliança offensiva e defensiva contra os ratos do palacio; é que, ex.^{mo} sr., eu já não sei quanto tenho gasto em concertos, em tapar buracos; os malditos tudo furam, entram pelo telhado, pelo sobrado, pelos canos . . . um inferno . . . Ratoeiras, gatos, queijó en-

venenado, tudo tenho empregado em balde. Ex.^{mo} sr., por quem é, ajude-me contra o inimigo; digne-se v. ex.^a aceitar estes dois gatinhos (e abriu a condeça) pardos, que devem ser muito rateiros.

O homem dizia isto em tom jocoso; o fidalgo sorria um tanto contrafeito, porque nos modos do lojista descobria-se uma certa intenção trocista; não perdeu todavia a posse do seu espirito.

— Ora o meu visinho, que lembrança a sua! muito obrigado pelos gatinhos; a creada vai tomar conta d'elles; descance. faremos guerra sem treguas aos ratos e arganazes; ora, ora que lembrança a sua! e ensaiava uma pequena gargalhada.

— E' que, ex.^{mo} sr., ha meia hora apenas fui dar com uma caixa inteira de queijos flamengos toda inutilisada.

— E sabe que foram os ratos do palacio?

— Certamente, pois lá em casa anda sempre tudo revistado e acautelado; ain-

da ha dias mandei tapar dois malditos buracos na parede que diz cá para os baixos do palacio; pois, hoje, outro buraco, e logo os malditos foram á caixa dos queijos.

— Teem bom gosto os damninhos.

— Um prejuizo de alguns mil réis.

O fidalgo ficou um tanto serio, e voltando-se para o ferreiro:

— E o meu bom visinho vem tambem representar contra os ratos do palacio, traz-me de presente alguma ratoeira?

— E' deveras uma coincidencia singular, disse o ferreiro sorrindo; não venho representar contra os ratos do palacio, mas contra as rapozas da quinta.

— Pois ha rapozas na quinta?

— Muitas. Creio que teem arranjado abrigo nos grandes penedos da tapada, nos muros velhos, nas casas caidas, nos pombaes e coelheiras, ha muito abandonados, cheios de matto e silvados. Como v. ex.^a sabe, a minha quinta péga

com a de v. ex.^a e hoje appareceu o galinheiro completamente devastado; não é a primeira vez que isto succede, e ha poucos dias tive dez coelhos mortos na coelheira pelos ginetes. O batatal que estava tão lindo, e o milho que mostrava tanta maçaroca appareceu destruido e revolvido, e diz o guarda que foi, com licença de v. ex.^a, um javardo que se abriga na quinta.

— Um javardo tambem?

— E o meu visinho da courella proxima diz o mesmo, porque tambem ha poucos dias encontrou a seara toda trçada, e viu o rasto. . .

— Mas como pode isso ser se a quinta é toda murada, e os canos da levada têm grades de ferro?

— Perdão, ex.^{mo} sr., o muro está derubado ha tempos em varias partes, e o cano da levada, ora, haverá dois annos, que não tem grade. Eu só peço licença para vir algumas vezes dár uma batida

pela quinta, e nada quero da caça...

— Pois, senhores, pelo que me dizem a minha casa está sendo um ninho de animaes perigosos...

— V. ex.^a bem vê, nós não estamos inventando, isto são factos. Como todos os baixos do palacio estão abandonados, os ratos fazem ali o seu viveiro, e farejando perto os meus armazens, trabalham constantemente; é uma praga, ex.^{mo} sr., é uma praga.

— E como a quinta está cheia de matto e silvados, e a coelheira, o pombal e o moinho em ruinas, as raposas, os ginetes, os gatos bravos, e até o javardo escolheram ali os seus abrigos. Todas as fazendas em redor, até uma boa legua, estão limpas, bem tratadas, e não ha buraco ou fenda de rocha onde se possa esconder uma fuinha.

— O palacio ninho de ratos, e a quinta cheia de bicharia! disse o lojista factamente.

O fidalgo sentia-se incommodado da conversa, mas seguia mostrando bom humor.

—Pois está dito, meus visinhos, eu darei as ordens para uma batida a valer n'esses grandes inimigos: e mostrou no modo que tinha a visita por terminada.

Os dois levantaram-se fazendo despedimentos muito amaveis; ao passar pela porta da livraria ambos se voltaram, e recuando fizeram suas cortezias de modo que se pisaram e deram com as costas nas ombreiras, sahindo muito confusos; o fidalgo sorria...

—E então não vieram estes ratões interromper-me no meu problema de xadrez? Vamos ligar as nossas idéas... e eu que já tinha calculado os lances, uma resolução esplendida... vejamos... o rei... a torre... alem tenho o bispo... aqui os dois peões...

E muito morosamente, com uma gran-

de attenção, estudou as posições das peças, parando por muito tempo o indicador sobre ellas, considerando todos os casos, todas as consequencias possiveis dos movimentos, e nunca mais se lembrou dos ratos do palacio, nem das raposas da quinta.

Os dois visinhos atravessaram os vastos salões, admirando os antigos moveis empoeirados, os altos tectos de carvalho lavrado e pintado.

— Mas que bella casa; que enorme salão, este!

— Se um dia fôr rico, muito rico, hei-de ter um palacio assim; olhem um baile n'esta casa! aqui é que os rapazes valsavam á vontade!

— E que bella fabrica!... era pôr um motor a vapor n'um extremo do palacio, e umas correias sem fim, e você veria estas salas animadas, serras, tornos, brocas, tudo a girar.

— Deixe lá, visinho, isso era uma pe-

na, uma casa assim! olhe este tecto que lindo!

— Sabe que mais? isto faz-me tristeza; com franqueza tenho pena que este homem não attenda á administração da casa.

— Então que quer? pouco instruido, pouco elevado, com idéas raras, falsas ou exageradas, cheio de prejuizos, de habitos exquisitos. Não viu como elle estava entretido a jogar o xadrez, a imaginar lances da torre, do rei, do bispo, dos bocadinhos de pau?

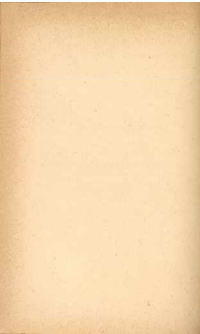
— Elle não repararia n'aquelle seu dito, o palacio dos ratos e a quinta das raposas?

— E olhe... esteve-me mesmo a saltar... a cabeça vasia de idéas claras e sensatas. Olhe, visinho, sabe o que mais? aqui temos em ponto pequeno o que se passa no nosso paiz em ponto muito maior, muita ignorancia, prejuizos e idéas falsas, muitas glorias do

passado, muitas peneiras, pouco trabalho, pouco estudo no presente; este gasta a maior parte do tempo a ler as memorias dos capitães-mores, e a discutir posições do bispo, do cavallo, do rei, da torre, e os peões comidos; a sua maior actividade gasta elle em perfeitas ninharias.



A FERIDA



A FERIDA

Differentes vezes tem referido a imprensa enganos fataes da justiça; mais que outros quaesquer elles impressionam desagradavelmente a attenção publica. Ha razão para isso. Esse erro é necessariamente resultante de muitos outros erros; por varias mãos passou o processo, inquiriram-se testemunhas, interrogou-se, estudou-se o réo, os seus precedentes, as circumstancias de sua vida; o

delegado do ministerio publico, o advogado, o juiz, exposeram o facto, um em defeza, outro accusando, o terceiro procurando evitar parcialidade; e o jury viu desenrolar-se ante si o drama . . . Estão todos de sangue frio, na plena posse de seus espiritos, aptos para attender e comparar, criticar e julgar . . . A lei, os codigos ali estão dispondo, classificando os casos, indiçando as penas; leis feitas por homens intelligentes, sabedores, theoreticos e praticos, discutidas por especialistas eminentes . . . Às vezes juntam-se essas perfeições todas, e resulta que um innocente é degredado para Africa, por muitos annos, por toda a vida, ou lançado no carcere; em nome da lei, da conveniencia social, da moral publica, infama-se o individuo, condemna-se, classifica-se de ladrão ou de assassino, expulsa-se para a morte; e peor ainda, porque a infamia não se limita a esse individuo, vae ainda manchar parentes e amigos, ainda, de-

pois de morto, a sua recordação será penosa, o seu nome lembrará um crime.

Hontem foi um padre de*** que, em conferencia secreta com o patriarcha, lhe explica como a sua consciencia está em crise, em acerba lucta, porque um homem lhe declarou, em confissão, homem cujo nome não póde revelar, pelo sagrado sigillo d'esse acto, ser o assassino de fulano, e que sicrano está em Africa, ha cinco annos, condemnado a vinte de degredo, sem ter commettido crime algum.

Outro dia é o ministro da justiça que vê no seu gabinete, provas claras, inconcussas, de que em certo processo houve erros e precipitações fataes, e que um homem, innocente, jaz no carcere, ha doze annos. Um grupo de cidadãos, muito serenamente, na sua consciencia, no seu juizo, e com a armadura dos capitulos e artigos do codigo, roubaram honra

e liberdade a um homem. É simplesmente horrível.

Certa manhã, haverá treze annos, a população d'Evora ouviu aterrada, a noticia da morte, por estrangulação, d'uma senhora idosa, conhecida, com fama de ter algum dinheiro, que morava, se bem me recordo, n'uma casa da rua da Lagoa. Alguem da visinhança, estranhando o silencio da casa, a porta que permanecia desusadamente fechada, bateu, e ninguem respondeu; reuniram-se visinhos, appareceu o regedor e por fim resolveram-se a arrombar a porta.

Um espectaculo horrível. O cadaver da infeliz senhora, estava suspenso, por uma corda, á trave do tecto; o rosto deformado, com aquelle aspecto espantado que exerce uma singular fascinação lugubre, os olhos salientes das orbitas, a bocca escancarada, a lingua pendente a um lado, com fios de sangue coalhado; a tez arroxeadada. Na casa descobriram-se

logo signaes evidentes de violencia, lucta e roubo; tratava-se d'um assassinato, não d'um suicidio; porém, na visinhança não se ouvira rumor extraordinario; os habitos da victima eram conhecidos, conhecidas as pessoas que frequentavam a casa, e as circumstancias revelaram logo ser o criminoso pessoa familiar, habituada da casa, dos moveis. Tudo isto despertou e attrahiu a attenção publica, em alto gráo. Dias depois entrava na cadeia um homem, indigitado como criminoso; mas em breve elle provou, claramente, a injustiça da accusação. Mais alguns dias, e uma casualidade qualquer, creio que o terem visto uma porção de libras na mão d'um homem reputado pobre, causou que esse individuo fosse apontado como verdadeiro assassino; entra na cadeia, apparecem effectivamente outros indicios compromettedores, e o homem, o réo, appareceu em audiencia geral; foi celebre essa audiencia. O accusado era

innocente; se esse homem não prova, com a mais completa evidencia, onde se achava, na noite do crime; se estivesse em jornada, em trabalhos do campo, ou mesmo na sua casa, onde vivia isoladamente, seria irremediavelmente condemnado, iria terminar a vida devorado pelas febres, pelos vermes, pelo desespero.

Extremamente séria a these.

E se pensarmos que a justiça não tem nos seus codigos meios de reparação... condemna, prende, degrada; prova-se o erro, e ella diz ao miseravel:—Eu errei, commetti uma falta, é verdade; ahi tem a liberdade...—E os annos de martyrio, a saude que se arruinou, o organismo que ficou inutil, a agonia, a saudade, a desgraça? Um volta e encontra a filha perdida, na prostituição, porque a sociedade envolveu a filha do degredado em nimbo de miseria e ignomiua. Outro procura os seus baldadamente; a tortura

moral matou-lhe a mulher, e o irmão enlouqueceu, ignorando-se-lhe o paradeiro.

Muito séria a these, enorme a responsabilidade d'uma condemnação, onde faltar a prova clara, terminante, a inteira evidencia.

— Quer saber? me dizia, não ha muito tempo ainda, um advogado distinctissimo: com uma pessoa, nossa conhecida, se deu um facto bem proximo do desastre; um pouco mais, e seria fulminante a accusação.

O Carlos de Brito morava n'uma casa, com seu quintal, em rua retirada; o quintal tem porta para uma travessa, com uns quatro casebres, habitados por pobre gente; e uma pequena janella n'um caramanchão coberto pelas ramagens de cedro e baunilha. Costumava ir muitas vezes para o caramanchão, ler os seus livros queridos; ás vezes, mesmo pela janella, conversava com gente da vizinhança. Ahi no principio do anno, man-

dou recado a um quintaneiro, para vir amanhar a terra e podar as parreiras, cortar as hastes velhas e seccas das arvores de fructa.

Veio o homem, o Manuel da Chainha; um rapaz desembaraçado, quasi da mesma idade do Carlos, e amigo de brincar, com respostas promptas; o Carlos trata-o com a maior confiança.

O quintaneiro amanhou a terra, cortou roseiras, limpou arvores, e, pelo meio dia, começou a podar e atar a parreira. Estava n'este serviço, quando Carlos appareceu no quintal; cumprimentaram-se, e Carlos foi para o caramanchão, ler umas paginas de Daudet. A janella estava aberta, e proximo, na travessa, brincava um grupo de creanças.

Minutos depois Carlos reparou que a parreira tremia e vergava, e disse em voz alta:

— Ó Manuel, toma cuidado, vê lá se a parreira vem abaixo.

— Não tem duvida, patrão; não ha de perder as uvas.

— Vê lá se caes; não te quero com alguma perna partida.

— Qual historia: herva ruim não cresta a geada.

— Sim, toma tu cuidado; fia-te no *não tem duvida*; é mau costume; e, em tom de brincadeira: Eu vou lá ensinar-te a ter cautella.

— Isso, vem elle; cá acima não trepa o patrão.

Ouvindo palavras altas, — Carlos fallava do caramanchão para o Manuel, que estava em cima da parreira, no lado opposto do quintal, — as creanças approximaram-se da janella.

Carlos começou a conversar com ellas; a maior tinha dez annos, e respondia menos mal. Instantes depois, ouvia ruido para o lado da parreira; olhou, e viu o quintaneiro ainda mais empoleirado, fazendo vergar, devéras, as varas da parreira.

— Ó Manuel, isso é imprudencia de mais.

— Lá está elle com os medos; quem tem medo, compra um cão.

— Sim, tu levas tudo a brincar; vê lá se depois choras.

— Na cama, que é logar quente.

E o Carlos, em tom de brincar:

— Ai! que eu vou lá, e corto-te uma orelha.

N'isto, estala uma vara da parreira, e o Manuel tomba, despedido, com a cabeça para baixo, e a podôa na mão; no choque, o corte entra-lhe na garganta, ao lado, fazendo-lhe larga e profunda incisão.

Carlos de Brito corre, levanta o pobre rapaz, vê a gravidade da ferida; o sangue, sahindo em abundancia, mancha-lhe o casaco e a camisa. Mas o rapaz não perdeu o animo; com o lenço comprime os bordos da ferida, e sahe do quintal a procurar a pharmacia proxima.

Carlos, afflicto, pallido, segue-o, levando machinalmente a podôa na mão. Segue-o, mas, á porta do quintal, é detido por um grupo de mulheres, visinhas, agitadas, por terem visto o Manuel, correndo, todo ensanguentado.

— Ai! sr. Carlos, não mate o rapaz. Ai! sr. Carlos, o que fez? Deixe-o fugir, sr. Carlos. . .

Elle estacou atordoado.

— Que dizem vocês?

— Então que mal lhe fez o pobre rapaz para o querer matar?

— Ó! mulheres de Deus, ou do diabo, eu não quero matar ninguem; elle cahiu, e na queda feriu-se com a podôa.

Mas as mulheres faziam alarido, juntava-se gente.

— Aqui, estes innocentes, ouviram o sr. Carlos a ralhar, a ameaçal-o, a dizer-lhe que havia de cortar-lhe uma orelha. Uma desgraça assim. . .

— Eu vi, dizia a rapariga, o sr. Car-

los a ralar, e depois ergueu-se, e foi a correr para o Manuel; abriu-se a porta do quintal, e o Manuel a fugir, cheio de sangue. E depois appareceu o sr. Carlos á porta, ainda com a podôa na mão.

Carlos, com um repellão, abriu caminho no grupo, e dirigiu-se para a pharmacia, rodeado já de muita gente.

— Se esse homem morrer, pensava elle aterrado, se, por uma fatalidade, não puder fallar já, toda esta gente me julgará assassino.

— Que foi? que aconteceu? perguntavam diversos, ás pessoas que iam no grupo.

— Foi o Carlos de Brito que feriu gravemente o Manuel da Chainha, com uma podôa.

Outros affirmavam: matou um homem.

Que alegria, que enorme allívio sentiu Carlos, ao entrar na pharmacia, e vendo o Manuel com o sangue estancado, e já

tomados os bordos da ferida; o pobre rapaz estava muito branco, pela perda de sangue, mas vendo o patrão, disse logo:

— Não se apoquente sr. Carlos, isto não vale nada, foi uma sangria; então um homem esmorece por ver sangue? Parece que o senhor adivinha!

— Manuel, diga já, a esta gente toda, eu não lhe toquei com um dedo...

— O patrão? ora essa; o patrão até esteve a recommendar-me que tivesse cautella; mas, então a gente tantas faz, que alguma vez paga; se a vara se não parte, eu não cahia, isso sim; a podôa é que ia sendo a minha desgraça; corta mais na carne, que na vide.

Pouco a pouco desfez-se o ajuntamento. Carlos chamou de parte o pharmaceutico:

— Julga muito grave o ferimento?

— Não tem gravidade, em poucos dias póde trabalhar, mas pouco faltou; mais

umas linhas e cortava a carotida, podia morrer em minutos; não chegava aqui com certeza, tombava ahí na calçada, e acordava no outro mundo.

— Pois se esse rapaz morresse logo, ahí na calçada, ou se antes de morrer, não pudesse fazer declarações, eu era accusado de assassinato, e não tinha prova nenhuma terminante, decisiva, para refutar a tremenda accusação.



A FLOR DO PARAÍSO

A FLOR DO PARAÍSO

(SOBRE UM MOTIVO DE ANDRESEN)

Uriel, anjo do Senhor, voltava dos jardins do Paraíso com um ramo de flôres; voava no ether serenamente, quando no espaço viu aproximando-se o globo da terra, o gracioso planeta azul. N'um lado os raios solares punham fortes tons vermelhos na terras molduradas pelas esmeraldas dos mares; no lado opposto a lua cheia branquejava serras e aguas; os altos cumes nevados sobresahiam scintil-

lando como crystaes; mas tudo apparecia sob o transparente véo da atmosphera azul. Quando o planeta passou mais proximo, girando na sua grande orbita, Uriel, sorrindo-se, atirou-lhe uma flôr.

Só um pastor viu esta flôr do Paraíso cahindo na terra; elle estava no monte, alta noite, a olhar muito attento as estrellas, quando viu cortar o espaço um rapido traço luminoso; esvaiu-se o traço e elle ficou scismando onde iria cahir a estrella do céo. Mas o que o pastor julgava ser estrella despegada do céo e cahida na terra, não era estrella, era a flôr do Paraíso, e eu vou dizer-lhes onde ella cahiu; foi na floresta d'el-rei, n'um sitio mui retirado, junto de um cedro secular.

Desceu, e a haste cravou-se n'uma talisca do rochedo.

Ao romper do dia as outras plantas repararam logo na sua nova companhia. Os musgos rasteiros, os fetos, os tojos espinhosos, as feias carquejas estranha-

ram muito aquella planta de extraordinario aspecto.

— Como viria isto parar aqui?

— Nasceu e cresceu entre a tarde e a manhã! nunca vi coisa parecida!

— Nem eu; tambem não quero relações com ella, disse o tojo, que se não metta commigo.

— Nem commigo, disse a carqueja.

— Nasceu esta noite e já apresenta flôr, notou um feto, que audacia! que precipitação! porque este feto não fazia senão apresentar muitas folhas verdes e nenhuma flôr mostrava. — Mais tarde, mais tarde, dizia elle, se as outras plantas lhe fallavam n'isso, ainda as hei de deslumbrar com uma flôr de pasmar.

E todos os dias repetia a promessa, e nada de mostrar a flôr promettida.

Os musgos acharam muitos defeitos na flôr do Paraíso; a corolla era grande relativamente á planta, a base tão debil, tão flexivel! o primeiro pé de vento pros-

tral-a-hia; depois, aquelle aroma penetrante denotava uma certa vaidade.

Emfim, só o grande cedro não declarava o seu parecer; estava lá nos altos cimos muito entretido a conversar com a aragem.

Era uma arvore collossal; o tronco parecia uma torre, os ramos compridos braços herculeos sustentando grandes massas de folhagens escuras; e todavia aquella grande arvore, o fortissimo colosso, tão severo e altivo, era bom no amago; as suas raizes mergulhavam no interior da terra, a sua rama estrellava-se no ar, no sol, luctando com o vendaval, gosando amorosamente as orvalhadas, as brandas aragens; se passava a tempestade elle vibrava o seu energico hymno de guerra, e se brincava com as brisas soavam nas ramas suavissimos idyllios. Elle mal conhecia os tojos, as carquejas, os musgos humidos, protegia todos quebrando-lhes as vagas do fura-

cão, aguentando as descargas da saraiva; mal os conhecia, nem dava por elles; os musgos e os fetos até lhe invadiram os grossos troncos rugosos, e os parasitas do colosso vegetavam n'elle e d'elle, orgulhosos por se verem tão altos; elle não cuidava de tal; a principio nem deu pela planta dos jardins do céu, a sua nova protegida.

Uma planta excepcional, na verdade; tão rara que até um illustre professor de botanica, passando por alli a herborisar, ficou admirado vendo-a: e era o mais illustre botanico do paiz, sabio de grande nomeada, um sujeito que passava a vida a colher folhas, flores, sementes, a seccar tudo entre papeis, de modo que já tinha em casa pilhas e pilhas de papel pardo, e dentro de cada folha uma planta mirrada, uma flôr secca, todas com as descripções em latim, que é a lingua usada pelos grandes botanicos para falar de flôres.



Pois o illustre botanico parou, quebrou um raminho, examinou as folhas, colheu uma flôr, desmanchou-a petala a petala, com muita attenção.

— Inteiramente desconhecida! completa novidade botanica! Não está descrita; não pertence a nenhuma especie conhecida! Será uma planta degenerada, uma anomalia? Emfim, concluiu o grande sabio, realisei o meu desejo maior, o meu nome ficará ligado á especie por mim descoberta; a academia de certo me concederá a gloria de dar o meu nome, convenientemente latinisado, a esta bella planta.

O sabio, enthiasmado, correu logo ao seu gabinete para escrever uma memoria sobre a nova especie, com a respectiva descripção no mais solemne e esquisito latim.

Ao tojo, ás carquejas, aos musgos, ao feto não esqueceram as observações do sabio; elles não percebiam bem o senti-

do das palavras do botanico, mas iam sempre repetindo, alterando a intenção, como tantas vezes succede aos ignorantes que fallam do que não sabem.

— Inteiramente desconhecida!

— Não pertence a nenhuma das especies sabidas!

— Não está descripta!

— Provavelmente, dizia o tojo, não passa de uma planta degenerada, uma anomalia!

— Isto é planta fugida da estufa ou do jardim do rei, deixem vir as primeiras geadas; ajuntava o feto.

— Inteiramente desconhecida! repetiam todos.

— Sem importancia, sem merito algum!

A planta do Paraiso cresceu; em breve excedia muito os tojos e as carquejas, que lhe não poupavam ironias e injurias; entenderia ella a linguagem das outras plantas? perceberia as intenções?

quem sabe? mas se entendia não o dava a conhecer; lá ia crescendo. As suas hastes flexiveis, sempre ornadas de brilhantes e frescas folhagens, vestiam-se na primavera de flôres de incomparavel formosura; as abelhas, as borboletas doidejavam pelas suas nectarias; o seu perfume embalsamava o ar, e de vez em quando deixava cahir uma chuva de petalas, que iam pousar nos tojos, nas carquejas, nos musgos humidos, como em grande festa.

— Tem crescido muito, tem, dizia o tojo, está muito desenvolvida, mas que se não lembre de se metter commigo, os meus espinhos lhe mostrarão quem é o tojo.

— Pois se vier cá para o meu lado, arranho-a, ha de ficar marcada, accrescentava a carqueja.

— Sim, tem crescido muito, com muita pressa e precipitação; basta ver aquellas hastes tão delgadas para affirmar que

tomba ahi quebrada e morta com o primeiro pé de vento, notava o feto.

Não tombou; veio o vendaval, passou a violenta tempestade, as delicadas hastes vergaram, inclinaram-se um pouco, e logo encontraram o grande braço herculeo do cedro que as amparou e susteve; e, terminada a tempestade, uma das hastes deixou-se ficar um tanto inclinada sobre o negro tronco do cedro, que os rebentos novos logo abraçaram; na primavera seguinte estava o escuro braço do gigante da floresta todo vestido de grinaldas de flôres aromaticas, como se o vigor severo se alegrasse na graça das flôres. se inebriasse no intenso perfume.

Gentilissima, com o perfume casto da virtude, de lindo rosto onde mysteriosa doença dava um ar de indizivel espiritualidade, era uma dama, muito nova ainda, que habitava agora o casal proximo; para alli viera, a mudar de ares, por conselho dos medicos. Todos os dias

passeava pelos campos, consolando os pulmões no ar sadio; uma vez quiz ver de perto o grande cedro da matta e ficou encantada com a planta do Paraiso; colleheu flôres, e voltou ao casal, exuberante de alegria, com um grande ramo aromatico. Nenhum dos camponios lhe soube dizer o nome da planta. N'essa noite escreveu muitas cartas, em cada uma metteu uma flôr e uma folha da linda planta da floresta; cartas a parentes, ás amigas, ás antigas companheiras do collegio, e uma, a que levou mais tempo a escrever, a uma pessoa que muito lhe interessava,

Só lhe restava uma folha e essa collocou ella, como signal, entre as paginãs de um livro de versos, do seu poeta querido.

Pobre creança! dias depois a doença dominava o seu delicado organismo, e ella morria, ao pôr do sol, no casal da floresta; pouco antes de morrer pediu

que lhe abrissem a janella, e apontou para o alto cedro frondoso que sobressahia nos densos arvoredos :

— Ali, sob aquelle cedro, está a mais formosa planta; não devem recusar-me o ultimo favor, quero que na sepultura me põham sob a cabeça o livro do meu poeta querido, com a folha da planta mysteriosa.

Assim fizeram. Só ella, a ingenuamente casta, o meiguissimo coração, crystal de bondade, comprehendeu toda a belleza da planta do Paraíso.

Fallou-se muito, pelos casaes proximos, na morte da gentil menina, que durante mezes, quasi todos os dias, os camponios tinham visto passeando pela floresta, ou pelas veigas, animando tudo com a sua gentileza; fallou-se muito, e até constou na aldeia proxima, onde morava o hervanario, o qual ouviu com muita attenção a historia da joven enferma, e do seu muito amor por certa

planta rara que na floresta crescia sob o cedro mais alto.

— Assim que chegue a primavera vou á floresta ver a tal planta, disse o herbanario.

Era um homem muito vivo, grande esperto na sua aldeia, muito curioso e mechido, era o doutor ali do sitio. Era elle que ajudava á missa, exclamando com grande pompa — *Et cum spiritu tuó!* Elle fazia as contas aos lavradores, lia e escrevia as cartas dos camponios, e até sabia fazer requerimentos; era um sabio; mas a sua principal especialidade, não contando as vidas alheias, era a sciencia das hervas; sabia onde ellas se encontravam, e quando estavam em flôr ou com a semente madura, e as virtudes de todas ellas; colhia muitos molhos e canastradas que ia vender ás bôticás e drogarias da cidade; elle mesmo sabia fazer cosimentos e unturas, para a gente e animaes, que na aldeia pouco differem.

Chegou a primavera ; o hervanario poz-se a caminho, não descançou em quanto não viu a planta do Paraiso, sob o grande cedro da floresta. A planta estava em plena florescencia, no encanto das suas flôres divinas, da fresca folhagem virente, dos calices trasbordando nectar e aromas. Vivera apesar dos espinhos dos tojos, da aspera carqueja, resistiu ás geadas, salvou-se dos estios abrazadores, e o braço herculeo do cedro amparou-a contra a rajada ; agora, em minutos, o hervanario ávido e estúpido, pensando só no interesse, corta-lhe as hastes de um golpe, reduz a planta a fragmentos, enchendo a sua canastra.

— Parece não haver outra planta d'esta qualidade, disse elle depois olhando em roda, não tem duvida, a raiz dará novos rebentos ; e partiu muito contente.

Ganhou bons tostões ; espalhou que a planta da menina branca tinha virtudes raras, o cosimento das folhas curava fe-

bres, os rebentos pisados saravam feridas, e o xarope das flôres era bom para o peito; vendeu tudo por bom dinheiro e voltou na seguinte primavera, mas a planta não rebentára; e elle, procurando muito, conseguiu apenas descobrir alguns restos da raiz, mirrados, informes.

— Não devia ter cortado tanto, disse elle então, fiz mal; matei a planta maravilhosa. Aproveitemos ainda estes restos da raiz. Torrou-os, reduziu-os a pó, e fez pillulas para curar dôres. Assim desapareceu a planta do Paraiso.

— Não fez falta, dizia o tojo.

Só o velho cedro se lembrava ás vezes da sua belleza e perfume.

— Partiu, tão cedo! era tão graciosa, tão aromatica! dizia elle á aragem, lá nos altos cimos, nos seus momentos de poesia.

Um dia espalhou-se entre o povo uma noticia assustadora; el-rei estava enfermo; os medicos mais afamados reuni-

ram-se em demorada conferencia; todos muito sabios, e todos de opiniões diversas, de modo que no fim da conferencia estava perfeitamente averiguado que se não sabia que doença tinha el-rei, e que assim lhe ameaçava a vida, ameaçando tambem a paz da nação. Era grande a anciedade na côrte; já todos receitavam, e discutiam o tratamento; alguém se lembrou então de ter ouvido fallar de certa planta maravilhosa que vivia na floresta sob o grande cedro; attribuiam-lhe curas admiraveis; talvez ahí estivesse a salvação d'el-rei, e o socego do povo. El-rei mandou logo buscar algumas folhas e flôres; partiram os cortezãos a todo o galope; em breve voltaram, os rostos esmorecidos, as mãos vasia; não tinham achado a planta. El-rei então irritou-se muito e resolveu-se a ir em pessoa ao sitio indicado, com a sua côrte, os seus medicos, e o sabio botanico; chamaram gente dos casaes, da aldeia, não

escapou o hervanario, para ensinar o caminho, e indicar o sitio.

Nem vestigios de tal planta! O hervanario arrepellava-se.

— Grande pateta eu fui! se não cortasse toda a planta teria agora um remedio para el-rei! ficaria hervanario da casa real! Se ao menos tivesse guardado um bocadinho, uma pillula do seu pó! podia vendel-a agora por bom dinheiro!

— Estupido! bradava el-rei, e com el-rei a côrte toda e os sabios medicos, não viste tu logo o grande merecimento da maravilhosa planta?

— Tem razão, carradas de razão, agora é que eu vejo o mal que fiz; mas, real senhor, n'aquella occasião só vi os tostões que ella me rendia immediatamente. Oh! se eu adivinhasse!

— E o sr. botanico, tambem não tratou de conservar a maravilhosa planta? não plantou uma estaca, não colheu uma semente para a propagar? guarda ape-

nas na sua collecção, em papel pardo, o raminho secco, sem seiva nem aroma?

— Senhor, disse o sabio botanico, empertigando-se muito e anediando a barba e a cabelleira, a planta por mim descoberta e que tive a gloria de apresentar á academia, que em homenagem a tão importante conquista scientifica lhe deu o meu nome, na sua fórma latina, era uma planta que os antigos botanicos ignoraram completamente. Nem Plinio o naturalista, nem...

— Ora, valha-o Deus, senhor botanico!...

— O sabio só pensou no seu nome e na sua posição academica, disse o cedro lá em cima á aragem que passava, e o hervanario só tratou do seu interesse.

El-rei ficou muito irritado e pezaroso por se ter perdido a maravilhosa planta.

— E acontece semelhante desastre aqui, na minha propria floresta! E assim perece, assim se perde completa-

mente uma planta que talvez agora debelasse a minha enfermidade e garantisse a paz do meu povo!

Verdade é que el-rei passara algumas vezes alli pelo sitio, mas sempre com muita pressa, caçando os cabritos montezes e os velozes gamos, e nem sequer reparara na planta do Paraiso.

— Ha de erguer-se aqui uma lapida commemorativa para lembrar aos vindouros a planta maravilhosa, para que elles saibam que foi no meu reinado que viveu esse prodigio.

Toda a côrte applaudiu a lembrança; o sabio botanico offereceu-se logo para compor uma inscripção latina.

— Em vida não flzeram caso d'ella, deixaram-na morrer miseravelmente, murmurou o cedro; agora prestam-lhe tardias homenagens. Só aquella criança de tão mysteriosa belleza, cheia de sonhos, de celestiaes enthusiasmos, que por vezes vinha embalsamar-se no seu per-

fume, enfeitar-se com as suas flôres, admirar-a em extasis, horas e horas, sentada á sombra das minhas largas ramagens, só ella soube apreciar bem a planta do Paraíso; cedo deixou o mundo, e os homens ignoram que sob a cabeça lhe collocaram o livro do seu poeta querido, e entre as paginas a flôr da planta do Paraíso.

Desde então foi aquelle sitio da floresta muito visitado; todos fallavam da planta prodigiosa, a mais pura belleza do paiz, que tão ignorada vida ali passara. O sabio botanico publicou uma descripção que foi premiada com a medalha de ouro pela sociedade phytographica, valendo-lhe a nomeação de socio correspondente de 27 academias variadas. O hervanario era muito procurado pelos viajantes para dar informações minuciosas, e ensinar o caminho, recebendo boas gorgetas. O tojo, a carqueja, os fetos e os musgos mudaram de pensar.

— Conheci-a de pequenina, quasi que a vi nascer, dizia o tojo aos rebentos novos, era planta muito gentil; fiz o que pude para a salvar, impossivel! mas se o hervanario se chega para mim esperava-o.

— Tambem não tens geito para'outra cousa. dizia o cedro.

— Eu dei-me perfeitamente com ella, notava a carqueja, nunca a arranhei.

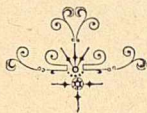
— Outra que tal, murmurou o cedro, não a arranhou porque a planta do Paraíso nunca se chegou para ella.

— Não te afflijas, cedro, dizia a aragem, é o mundo; tu és vigoroso e tens larga vida, mas prendem-te as raizes no chão, e eu viajo constantemente, tenho visto muito; as plantas mimosas vivem mal e morrem depressa, os tojos vegetam perfeitamente; herva ruim não cresta a geadá.

— Desconhecida, despresada na vida, e explorada depois de morta! Só o gen-

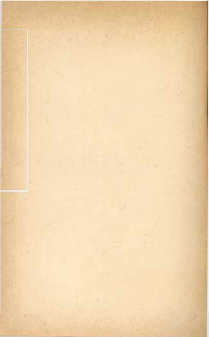
til espirito, o meigo coração da formosa doente a conheceram e estimaram bem.

— Almas gentis e corações meigos são flôres do Paraíso também, dizia a aragem ao cedro, ciciando nas ramagens frondosas.





O CASO DO ALFERES APOLLO



O CASO DO ALFERES APOLLO

Desfilava a procissão; musica estrondosa, com muita pancadaria, vibrava o ar; homens e rapazes com opas de paninho, vermelhas, brancas, verdes, seguiam vagarosamente em alas; pelo meio sujeitos graves faziam grande figura, com seus bentinhos na volta do casaco, suas varas prateadas, parando de vez em quando, acenando com auctoridade e soltando energicos *sciús* — *sciús*; crianças

simulando anjinhos, vestidos de telas bordadas, muitos cordões de ouro ao pescoço, com suas azas de cambrainha e aramê, caminhavam dando passos mui largos, levantando as perninhas, para compensar a falta de vôo; os devotos mais finos iam no extremo, ás varas do pallio, assoprando, vermelhaços, olhando para as janellas; logo seguia a tropa, a passo grave, gingando uniformemente.

Inaugurava-se a quaresma; pelas ruas havia moitas de cascas d'ovos e tremoços, manchas de serradura, vestigios das folias carnavalescas; nas janellas onde se apinhavam damas vestidas de preto, com ar seraphico, batalhára-se, 24 horas antes, em furor louco, a cartuchos de pós e bisnagas de aguas aromaticas; a devoção fulminante succedera ás vidraças tiradas para poupar os vidros.

Alegria e contrição segundo o calendario; alguns tropejam contra a antithese feroz; acham ridiculo, feio, improprio.

É o mundo; o que menos se deve esperar é o razoavel; onde o fingimento é base estranha-se a verdade.

Junto de mim estava um grupo de officiaes recémvindos com o destacamento do 25.

— Ella! o meu ideal, ai! que horas de enlevo e tortura me fez passar; e elle tambem, o meu rival! o cruel, o tyranno! exclamou o capitão.

— Quem? onde está? quem é? perguntaram no grupo; em que janella? em que sitio?

— Deixem passar a procissão e eu lhes contarei uma aventura que me succedeu, quando, ainda alferès, vim para aqui no meu primeiro destacamento.

E contou, um caso estranho, raro.

Elle é ainda hoje um bonito homem, corado, louro, elegante; aos vinte annos era um Appollo sem lyra, e com luneta; ora um Apollo fardado é um cumulo de seducção; um nume em pé d'alferes;

falla animado, gesticulando muito; eu vou ver se posso reproduzir os incidentes da singular aventura.

Chegou no destacamento; logo que pôde sahiu do quartel e elleahi vai reconhecer a terra, estudar costumes, descobrir olhos bonitos e alguma loirinha airosa, que éra a sua especialidade. Não se comprehende um Apollo sem cõro de musas.

No fim de tres dias conhecia becos e travessas; sabia onde era a rua de Mahumud, a da Zanguella, da Mangalaça, do Pão Bolorento, dos Beguinos, a da Carta Velha, a da Lança e Dardo, a do Mégué, a da Cosinha de S. Alteza, do Alfayate da Condeça, um prodigio de amor e topographia.

Uma tardinha, já lusco-fusco, passava elle pela travessa do Amauriz, formada por muros de quintaes e algumas casas abarracadas, e viu n'uma varandinha modesta, com sua parreira e alegretes de

cravos, uma menina, mas que menina! que gentileza, que linda loira, que talhe esbelto, que primor! Uma paixão fulminante, o coração crivado de setas ainda em menos tempo que no tal caso de S. Sebastião contado por um prégador celebre: «e iam as setas zt, zt, zt, pá. e o santo logo ui! ui!»

Chegou ao fim da rua, não teve coragem de continuar; voltou para traz, ella na varanda; elle parou, fitou muito ternamente, com o monoculo varador; atreveu-se mais, tirou o lenço; ella ficou muito serena mas não se tirou. Terceiro passeio, a joven continuava na varanda, elle tirou o *bonnet*, correspondeu? elle não percebeu bem; escurecia já, pouco se via.

O leão não voltou porque á bocca da travessa parára um rancho de monda-deiras, velhas curiosas ali do sitio, muito admiradas da ronda do militar.

Que noite! que sonhar! que projectos de ventura! aquella sim que lhe enchia

o coração, oh! belleza angelical, oh! suavissima loirinha! Cantava como o Fausto ao ver Margarida :

*Quale sembianza onesta!
Quanto gentil modesta!
Angiol del cielo, io t'amo!*

No outro dia para ir da rua dos Tres Senhores (ainda a antiga hospedaria do Tabaquinho estava na dita rua) para o quartel foi dar volta pela travessa do Amauriz.

O anjo não estava, não appareceu na varanda.

Elle foi para o quartel e levou tres horas a escrever uma carta, um vulcão, uma torrente de lava, um torpedo de dinamite. Passou de tarde, nada, á tardinha ella na varanda. Provavelmente, pensou elle, só vem á varanda quando larga os seus bordados, as suas rendas.

Sentia o coração como uma fera na jaula; muito intrepido tirou o bonnet em

profunda cortezia, assoou-se ao lenço, e zás, voou o bilhete por cima do muro.

Tornou e sentiu uma onda de prazer; a divina loirinha continuava na varanda; aceita a minha côrte, pensou elle; e parou extasiado; uma facha de luar fazia então realçar a alvura da tez, o oiro cendrado do cabello no fundo escuro da parreira.

— Minha senhora, disse elle em commoção extrema; mas no momento viu que ella tinha estendida a mão, fixa, com intimativa, como a pedir silencio.

Receia que alguém descubra o nosso amor; descansa, em tudo te obedecerei, suspirou elle, e apertou os beiços entre os dedos significando-lhe mimicamente segredo e obediencia.

Elle estalava de paixão, estava frenetico, não podia occultar aquelle amor, queria esclarecimentos; procurou um rapaz da terra e confiou-lhe o segredo.

— E é linda?

— Se é linda?! uma perola, uma maravilha de gentileza!

Á piedi tuoi vorrei passar la vita!

..... *Oh! Margherita.*

— E onde mora?

— Tenho-a visto n'uma varanda que deita para a travessa do Amauriz.

— É boa, não sei quem seja.

— Delgada, altinha, elegantissima, uns bellos olhos, muito loira...

— É celebre, não conheço, não me recordo; talvez seja de fóra da terra. Nada sei, meu caro, que quer que lhe faça?

Alta noite o alferes Apollo disfarçou-se com uma capa á hespanhola, chapéu desabado, e foi rondar pela travessa.

Na casa nem tugia nem mugia; pelos quintaes ladravam cãesinhos.

A um postigo de uma casa proxima appareceu a cabeça de uma velha; curiosas são capazes de perder noites para espreitar os namoros.

Elle muito desembaraçado dirigiu-se ao postigo; a velha aceitou o cavaco e o tostão.

Que já tinha reparado e outras visinhas tambem nos passeios do sr. official.

— Como se chamava a joven?

— Qual joven?

— Uma menina, ali na travessa do Amauriz, uma casa com varanda...

— Em casa do Fagundo? isso ha de ser gente de fóra; é pousada de uns lavradores ahi das bandas da Igrejinha. Pois hei de saber quem é.

Elle retirou-se de máo humor.

— Mas que mysterio cerca aquella menina! é de fóra da terra com certeza; o que é o destino, a providencia! como nós viemos encontrar-nos aqui; nascemos um para o outro; oh! minha pomba! elle chorava de ternura, tinha nevroses, valsava.

*Come l'aura — che leggera
Vien la sera — a sussurrar.*

Grande surpresa na 3.^a tardinha.

A loirinha não estava na varanda; estava *elle*, um homem muito barbado, com cara de poucos amigos, e um bordão na mão.

— Casada? ou será irmão, pae ou tio? será o tal lavradoreco da Igrejinha? Mas o bordão dirá ameaça? pois não sabe com quem está mettido. Mas eu não o offendi. Apanhariam a carta? mas que má cara; que homem; é um cruel, um tyranno! Será aquella menina raptada, viriam escondel-a aqui? Ella aceitou-me a côrte, agora ella desapparece e surge *elle*. Aqui ha drama, por força. Aquella joven é uma victima, pois hei de salvar-a; sim, oh! meu anjo, eu te libertarei d'esse jugo odioso!

Uma loucura, um pesadelo; elle pensava em escadas de corda, raptos, duellos, fugas desvairadas n'um cavallo a galope, n'um carro do Alemtejo.

Na manhã do dia seguinte, cheio de

resoluções energicas, decisivas, foi á traversa do seu amor.

Oh! dita! bravissimo! estava aberta a porta do quintal; não esteve com meias medidas, entrou.

Um velhote sachava um canteiro de alfaces. Aquelle realismo bucolico temperou-lhe o impeto.

Um velhote de bigode branco, aparado, cara de antigo militar; era o Fagundo. Perfilou-se todo quando viu o alferes.

— Sr. alferes, ás ordens, o que manda vóssoria?

O alferes Apollo inventou um pretexto qualquer; travaram cavaco.

O velhote fora militar, furriel do 10, e gostava muito de contar casos das linhas do Porto, de quando andaram atrás do Povoas, pela serra da Estrella, e do Remechido no Algarve.

O alferes sabia das grandes guerras estrangeiras, pelos telegrammas; pratica só nas guerras do amor.

— Vóssoria ha de perdoar, ainda não entrou em fogo?

— Já, n'um exercicio de fogo a valer, e em tres fingidos, exercicios de fogo sem dar tiros.

— Não sabe dar graças a Deus, aquillo é sério; e contou a morte do coronel Pacheco, e o ataque de Alcacer, e casos do Saldanha; ai! que lindo homem! não desfazendo em quem está presente, e que bella figura no fogo, estava como em sua casa, a rir, a conversar. . .

— Agora descança-se, depois d'esses trabalhos todos. . .

— Agora descanço, lembro-me dos tempos antigos; aos domingos, como vosso-ria vê, trato do quintal, isto, como o outro que diz, deixa pouco, mas entretem a gente; e elle começou a mostrar ao alferes os canteiros de hortaliça, sachados, tratadinhos, e pouco a pouco approxi- maram-se da escadinha da varanda; o coração do alferes dava cambalhotas.

— Isto é casa de pobres, vossoria desculpe, mas queira subir, descançar um pouco.

Ora! se queria subir!

Chegou á varanda; era ali que elle a vira, pensativa, serena, angelical. Parou contemplativo.

— Então, faça favor de entrar, nada de ceremonias.

Entrou; ella estava mesmo em frente da porta; elle sentiu uma tontura, encostou-se á hobreira.

— Ah! vossoria está a reparar; então que lhe parece, é linda, não é? Pois eu lhe conto; eu em Almeida fiquei ferido, um raio de uma bala que me atravessou a perna, por aqui, salvo seja; um petisco que levou tres mezes a curar; estive em casa de um marceneiro ali da terra, boa pessoa e homem prendado, sim senhor, boa pessoa devéras; Portugal velho, pão pão, queijo queijo; ella era carpinteiro, pintor; fazia violas e até sabia amañhar

santos; foi com elle que aprendi a encarnar, e, á falta de melhor cá na terra, trouxeram-me esses que hão de apparecer na procissão da cinza. Esta já está sequinha, não larga nada, mas pelas duvidas ainda ha de estar uma tardinha ali na varanda a enxugar; não se pode seccar ao sol porque lhe come a côr, nem expôr ao ar da noite, póde vir uma geada e estala tudo.

O alferes estava silencioso, parecia-lhe um sonho; apenas, em tom de saudade, voz sumida, murmurou — Margherita! —

— Margarida, sim senhor, o sr. alferes já vejo que conhece as imagens, é Santa Margarida de Cortona; é bonita, não é? é de roca . . .

— Agora este . . .

O alferes voltou-se. Elle! lá estava elle, o tyranno, com o seu bordão na mão.

— Agora este, é S. Pedro de Rates, olhe que é um pedaço d'um santo, é mais alto que eu: está quasi prompto,

mais umas pinceladas na barba e pode apparecer na procissão.

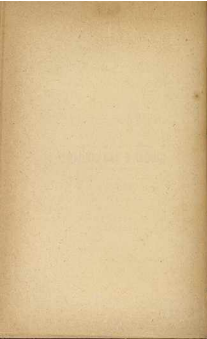
O alferes estava atonito; cortejou machinalmente as imagens, fez uma continencia ao antigo furriel do 10, e sahiu em passo de carga.

Mas ainda hoje, com o positivismo e a gravidade de capitão, sente estranhas commoções quando os vê passar, na inauguração da quaresma.





CUIDAR E NÃO CUIDAR



CUIDAR E NÃO CUIDAR

Foi ha bons quinze annos essa hora de cavaco e como ella surge agora nitida, vibrante, na minha retentiva! como esse episodio de hoje, esse encontro inesperado! me impressionou profundamente! vi lado a lado essas duas raparigas, em situações tão diversas! mal sabem ellas, a dama educada e respeitada, e a misera mulher, que eu as vi, ha bem quinze annos, criancinhas, amimadas, ambas em

setins e rendas, duas crianças adoráveis correndo de mãos dadas pelas ruas do passeio. Como o destino as separou depois! o destino? a sorte? a incuria de um pae?

Eu estava, recorde-me perfeitamente, no passeio, á sombra dos pinheiros, n'uma formosa manhã de maio, tepida, perfumada, quando appareceram dois amigos, o Antonio Garcez e o Cunha Soveral, o distincto medico.

— Como vae você?

— Que lindo dia! mesmo bom para espaiar das massadas obrigatorias.

— Uma proposta, sentem-se e conversemos.

— Approvada a proposta; dou-lhes trinta minutos de cavaco, disse o Soveral: ao meio dia tenho que fazer.

— Alguma visita clinica?

— E' verdade. Uma conferencia com dois collegas.

— Caso grave, então?

— Sério devéras, muito sério.

— E quem é o doente que está em perigo?

— O Acacio de Sousa; uma pneumo-
nia dupla violenta a valer.

— Não conheço o Acacio. . .

— E' um rapaz que ahi está ha pou-
cos mezes; você não se lembra a ultima
noite que estivemos no theatro? estava
elle tambem, com a familia, n'um cama-
rote; até você me perguntou quem eram
aquellas senhoras acompanhadas por um
cavalheiro bem parecido, ainda novo.

— Ah! agora me recordo; uma d'ellas
ainda muito nova, é bem galante; e umas
crianças muito agradaveis. . .

— São as filhas, tres meninas encan-
tadoras; a senhora mais nova é irmã
d'elle, a outra, ainda formosa, é a mu-
lher.

— Recordo-me perfeitamente, uma fá-
milia bonita, com um aspecto distincto. . .

— E parece-me uma santa gente. Eu,

é claro, tenho na casa apenas as relações de clinico, mas o que tenho presenciado faz-me sympathisar immenso com aquella familia. O diabo esta vida clinica! por mais que um homem se encontre com espectaculos de miseria e morte não se evitam momentos de angustiosas impressões; eu não consegui ainda habituar-me; parece-me que jámais terei completa indifferença; ha desgraças tão frisantes, tão complexas. . .

— O rapaz está perdido irremediavelmente?

— Está, creio que está; ás vezes a propria natureza faz umas crises inesperadas, imprevistas, e salva-se o enfermo que nós julgavamos á beira da cova; elle é novo, robusto, mas julgo impossivel que resista á tempestade.

— E' tristissimo ver morrer um moço, parece absurdo, tolice, um crime. . .

— E quando, como n'este caso, fica uma viuva, uns filhitos, triste, triste. . .

— Mais do que você pensa; e a miséria!

— A miséria?! não tem recursos?

— Nenhuns, elle é empregado, um fiscal de qualquer cousa; creio que tem ordenado bom mas tudo se gasta nas exigencias da vida, na mesa, no fato, em mil cousas diversas.

— Quer dizer, essas pobres senhoras, aquellas crianças, vão ficar isoladas, sem uma garantia de vida, na desgraça completa...

--- Na miséria brutal, no mais escuro abysmo,

— É uma situação penosissima...

— E todavia frequente. A cada momento encontramos familias vivendo facilmente, em agradaveis apparencias; n'um instante esvae-se a nuvem branca e surge hirta, implacavel a realidade.

— Ah! meu caro, é que para muitas pessoas tem importancia enorme a ap-

parencia, tratam de salvar as apparencias . . .

— De viver em harmonia com as conveniencias sociaes, que são frequentemente as illusões sociaes . . .

— Pensam em luxo, em vaidades; pelo falso apparatus brilhante despresam a honestidade sincera . . .

— Eu explico o phenomeno assim. Muita gente, a maioria da gente, não tem vida propria; vive sempre em relação; não falla, não pensa, não gesticula, não veste senão conforme certo modelo, certa auctoridade ou tal figurino.

— Sim, vocês prégam bem; ora vão lá fallar em vida simples, modesta, sincera, a certas mulheres que só pensam toilettes e joias. Não veem algumas que até soffrem physicamente, passam torturas, martyrios horriveis, para ter uma cintura de vespa, uns pésinhos chinezes.

— E certos cavalheiros, sim, não fallemos só das mulheres, seriamos injus-

tos, certos homemsinhos dominados pela tentação do jogo, ou dos charutos, ou das cautellas, ou da politica; que sacrificam á mulher facil o que muitas vezes negam á filha, á esposa honesta. . .

— Para mim ha uma distincção a fazer, eu divido os homens em duas classes separadas por um abysmo. Um homem isolado, sem encargos, sem obrigações pessoaes, não digo bem, sem responsabilidades de familia, é entidade muito diversa da que tem essas responsabilidades. O sr. *A.*, marido e pae, tem um *ser* diverso, essencialmente diverso, do *ser* do sr. *B.* que não tem familia a sustentar, filhos a educar, pessoas que dependam do seu amparo no presente, por cujo futuro elle tenha de olhar. O homem que por impulso de seus sentimentos, ou por suas conveniencias, foi convidar uma senhora para lhe ser companheira, partilhar os seus affectos, e constituiu uma familia, entrou n'esse momen-

to n'uma phase superior, sagrada, n'uma phase onde os encantos e confortos domesticos não podem deixar de ser acompanhados e equilibrados, pela consciencia da responsabilidade do estado, pela convicção da garantia necessaria por essa outra vida a que se alliou, pela alma que foi buscar para lhe ser eterna amiga, pelos filhos. Constituir a familia, rodear-se de filhos, e não suppôr, não olhar o futuro, viver *dia a dia*, á espera do acaso feliz, ave rara, sem contar já-mais com essas surpresas tão frequentes da desgraça, da morte. . .

— Meus caros amigos, disse o doutor levantando-se, é o mundo, nós não o podemos endireitar. Tenho meio dia no meu infallivel e não desejo fazer esperar os meus collégas. Até logo.

Ficámos, eu o Garcez, silenciosos por alguns segundos; n'um pensar melancolico; o ambiente favorecia a intuspecção; o ar calmo, tepido; as ramagens n'uma

grande serenidade; na cascata um filete d'agua murmurava monotono, plangente; aromas de rosas, suavissimos, deliciavam o olfacto.

— É a minha situação, disse de subito o Garcez, erguendo-se muito commovido; se eu morresse ámanhã minha mulher e minhas filhas ficariam na miseria, em absoluta pobreza.

— Homem, eu julgava que você tinha uma pequena fortuna . . .

— Tive, meu amigo, resta quasi nada; tem-se gasto em . . . satisfazer as conveniencias, ou como você disse, as illusões sociaes, em apparencias brillhantes, em ninharias, em charutos, em cauetellas, em tolices, no diabo. Se uma pneumonia ou um typho me prostrar ámanhã, minha mulher e minhas filhas ficam sem ter de comer.

— Pois se tu tens verdadeiro amor a tua esposa e a tuas filhas debes esforçar-te por lhes evitar uma situação tal.

— Se lhes tenho verdadeiro amor? se eu não vejo outra cousa no mundo! mas que queres tu? é exactamente por lhes ter amor que desejo satisfazer-lhes as vontades, vel-as mimosas e contentes.

— Mas tudo se póde harmonisar, homem; é preciso que as paixões, os sentimentos se equilibrem com a razão, com o bom senso. Fallemos com franqueza, talvez alguns caprichos, algumas exigencias de tua esposa, que me parece um excellente character. . .

— É um anjo, uma santa!

— Se modifiquem sabendo bem das tuas circumstancias, pensando n'essas filhinhas que ella trata, e veste, e cuida, e educa com tanto esmero e carinho. Não virá a desgraça, esperemos em Deus que não venha, mas prevenir, pensar no futuro, dispôr-se para aparar ou minorar a catastrophe, póde ser, de um para outro dia, questão da maxima importancia. Tu

não esperas heranças, e não é bom fiar em sapatos de defuncto. Em amigos, em gratidões? ai! meu caro, ha amigos, ha, mas são raros nas horas tristes. Olha, francamente, eu ainda não comprehendí bem esse amor muito grande, intenso, apaixonado, com muitos carinhos e expansões, brotando em fitinhas, joias, lindezas, espectaculos, modas, que faz das filhas bonecas de montra, amor em que me parece haver ás vezes laivos de vaidade, relatividades futeis. Que quer dizer um pae que só trata do *parecer bem*, de ostentações, todo enlevado na belleza, na graça das filhas e não cura da sua educação seria, que póde ser um capital, nem do seu futuro? fiam-se no casamento? falha muito essa esperança...

— Homem, mas que se ha de fazer, que hei de eu fazer, com os vencimentos do meu emprego que não sendo dos mais inferiores, estão todavia muito longe da opulencia, para garantir o futuro

de minha mulher e de minhas filhas no caso de minha morte!

--- Para deixar uma pensão á viuva, e arranjar dotes ás filhas? Basta uma pequena mensalidade, certamente facil para ti.

— Como?

— Ahi tens o Monte-pio geral, por exemplo.

— Homem, confesso, já tenho ouvido fallar do Monte-pio geral, não conheço porém essa instituição.

É um Monte-pio muito conhecido, antigo, acreditado, cuja importancia cresce dia a dia. Começou modestamente, em 1840 se bem me recordo; chamava-se eatão o Monte-pio dos empregados publicos; desenvolveu-se successivamente; os seus estatutos tem sido ampliados e reformados por differentes vezes. Tem delegações nos centros de povoação mais importantes, satisfaz com a maxima pontualidade as suas obrigações, e posso

mostrar-te facilmente exemplos de quanto é proveitosa, humanitaria, salvadora essa magnifica instituição.

— Paga-se uma quantia mensal?

— Sim, ha joia e mensalidade.

— Quantias certas?

— Não; a quantia, tanto a joia como a mensalidade, são variaveis com a idade dos subscriptores na occasião da entrada, nem podia ser de outra forma; o individuo de 40 annos tem naturalmente menos vida que o de 20 ou 25. Alem d'isto o socio pode subscrever para diversos capitaes, de 50 a 800 mil réis; com os estatutos vem a tabella dos pagamentos relativa ao capital de 100,000 réis, que serve de norma para outro qualquer.

— E a joia é muito avultada?

— Conforme a idade; augmenta a idade, cresce a joia e a mensalidade; todavia para facilitar o pagamento da joia, o Monte-pio recebe-a em prestações an-

nuaes, em tres annos por exemplo. Tu tens pouco mais de trinta?

— Completei os 32 ha poucos dias.

— Bem, vaes para os 33; pagas nove mil réis de joia, 5 no primeiro anno, 4 no segundo, e 480 réis por mez; é o encargo do subscriptor d'essa idade pelo capital de cem mil réis. Queres subscrever por 200, 300, ou 400? duplicas, triplicas, quadruplicas essas verbas.

— E se o socio fallecer passados poucos annos da entrada, pagam por inteiro a pensão? pode haver casos em que o Monte-pio fique enormemente lesado.

— Não senhor, ha outra tabella para regular a pensão. Estas contas de Monte-pios, pensões vitalicias, etc. são mais complexas do que muitos julgam; eminentes calculadores se equivocaram a principio com essas series e probabilidades, e muitos espertalhões lograram o mundo promettendo lucros, vantagens impossiveis, como succedeu entre nós,

não ha ainda muito tempo, com uma celebre companhia de seguros de vida que realisou operações de alta escola. Até os geometras analyticos entraram na questão, discutindo curvas de mortalidade; ha elementos extraordinarios, n'esse calculo, conta-se com a vida e a idade, é preciso estar prevenido para a epidemia, ou o contagio que podem em pouco tempo fazer crise n'estas instituições. Se o socio subscrever pelo capital de réis 100~~0~~000 e fallecer, por exemplo no fim de 7 annos, tem a viuva uma pensão de 40~~0~~000 réis; no fim de 11 annos tem 50~~0~~000 réis.

— Para a viuva não ha difficuldades, incommodos, em obter a pensão?

— Nenhuns, começa logo a vencer na data do fallecimento do socio.

— E havendo filhos?

— Estão previstos todos os casos; fallecendo o socio no estado de casado e com filhos a pensão pertence á viuva e

aos filhos; a viuva tem metade, a outra metade reparte-se pelos filhos, mas para estes ha certas restricções. Vencem a pensão os filhos legitimos, os legitimados e os perfilhados que o socio deixar quando fallecer, que, sendo do sexo feminino, forem solteiras ou viuvvas, sem meios conhecidos de subsistencia; e, sendo do sexo masculino, forem menores de 18 annos, ou maiores de 18, até 21 annos, se provarem que estudam theorica ou praticamente qualquer profissão ou arte; ou maiores de 18 mas incapazes mental ou physicamente de ganhar meios de subsistencia.

— Só a viuva e os filhos teem direito á pensão?

— Se o socio fallecido não deixar viuva ou filhos a pensão póde ir ao pae, sendo maior de 70 annos, á mãe sendo viuva, ou ás irmãs solteiras ou viuvvas; mas se faltarem todos esses herdeiros o socio póde legar a pensão a qualquer

pessoa ou pessoas, uma vez que sejam do sexo feminino, viúvas ou solteiras, ou do sexo masculino, menores de 18 annos, ou maiores de 70.

— E se a viúva passar a novas nupcias?

— Perde a pensão, assim como a solteira casando-se, e o rapaz quando chegar á maioridade.

— A solteira perde a pensão casando-se, mas recebe um dote?

— Sim, recebe um dote; manda uma certidão do casamento e recebe um dote em fundos publicos com vencimento de juro, igual á importancia da pensão de 5 annos, nas melhores circumstancias; 5 annos é o maximo, mas em caso algum o dote é inferior á somma das pensões de dois annos.

— Pois amigo, resultado da conferencia, vou entrar para o montepio, estou resolvido. Aqui ha delegação?

— Ha uma delegação com seu presi-

dente, secretario e vogal; esses te podem fornecer mais cabaes esclarecimentos. Eu aconselho-te a que entres; o teu coração ficará tranquillo, o teu somno socegado com um pequeno sacrificio, uma pequena economia mensal.

— Está dito. Se tu soubesses quantas vezes, ao deitar, ao acordar, em horas de insomnia, ao sentir a branda respiração de minha mulher, ao ouvir o alegre papaguear das filhas, eu tenho pensado, as fontes em febre, nas circumstancias da minha vida, nas incertezas do futuro . . .

— Pois resolve-te, meu caro; a troco de um pequeno sacrificio mensal garantes um futuro modesto mas seguro a tua mulher e a tuas filhas. Não terás afflições e terrores n'essas horas de insomnia porque a tua consciencia estará tranquilla.

Á noitinha encontrámos nos no club.

— Queres ver? disse-me o Garcez, e mostrou-me um papel que tirou do bolso.

— Bravo! é o requerimento; resolvido a valer, então?

— Já fallei com um dos delegados que me deu todos os esclarecimentos; vou subscrever pelo capital de 400#000 réis. Creio que o requerimento está em regra.

— Está bom, está. Nome, profissão, residencia, idade, quantia da subscrição, não falta nada. Precisas juntar documentos.

— Já sei, certidão de idade e attestado de dois facultativos. Amanhã está tudo prompto.

Antonio Garcez falleceu ha poucos annos deixando viuva e tres filhas. Não tinha dividas, mas possuia apenas a mobilia da casa e n'um cofresinho o diploma de socio do montepio geral; a taboa de salvação d'aquella familia; a pensão deu-lhe uma vida modesta mas decente,

e permittiu a educação das meninas. Uma casou ha mezes; está uma senhora distinctissima; veio com o marido, um medico, passar os ultimos dias de festa com a mãe e irmãs.

Hoje passando nós no hospital por uma enfermaria, o dr. Cunha Soveral tocou-me no braço.

— Repara n'aquella enferma, não te lembras d'ella?

— Não me recordo, deve ter sido bonita mas a lepra transformou-lhe as feições.

— Era linda, a miseria perdeu-lhe a moral, em breve perderá a vida; esta rapariga é filha de um Sousa que esteve aqui ha alguns annos...

— Sousa? não me lembro.

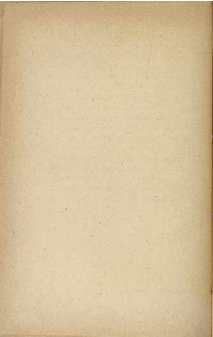
— Um certo Acacio de Sousa...

— Ah! agora me recordo!

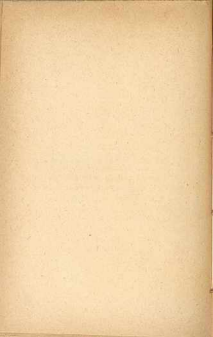
E na minha mente surgiu de subito, com uma grande força dramatica, em nitidos caracteres scintillantes, essa con-

versa do passeio com o Garcez. Quem sabe? foi talvez a incuria de um pae que atirou aquella pobre para a vida da desgraça, para as lepras vis, a morte prematura; a providencia de outro conservou limpa, honesta, elevada a familia; garantiu a educação d'essa fina dama, cercada de respeitos, que ahi vae agora passando na enfermaria, sem pensar sequer que ali, n'um leito de morte, jaz uma rapariga que lhe foi companheira na primeira infancia; que eu vi correndo com ella, de mãos dadas, duas creanças adoraveis, em setins e rendas, pelas ruas areadas do jardim publico.





O GENERAL SERAPHIM RECÍTA UMA POESIA



O GENERAL SERAPHIM RECITA UMA POESIA

A impressão que o notavel general causa nas salas, especialmente no bello sexo, é justificadamente profunda. Elle a passar a porta, desviando com um repellão energico o reposteiro, a sua bella cabeça militar ornada de farto bigode preto carvão produz uma corrente magnetica que attrahe fatalmente os olhares das damas.

Irresistivel, o velho guerreiro reformado! velho? que disse eu? novo, mas

muito novo ainda, sem um cabello branco, e muito agil, leve, com um passinho de polka adoravel: reformado? qual! em plena actividade, sempre em campanha, desde os quinze annos que anda nas conquistas e agora que tem. . . quem sabe quantas primaveras tem o general? trinta com certeza, continúa ainda na guerra viva, em constante tiroteio de olhares e sorrisos: que o general nunca se metteu nas outras guerras, por varios motivos: fazer mal não está no seu character; brincadeiras com gente barbada não é o seu genero; não gosta do cheiro da polvora, e embirra com armas de fogo; e depois se elle manchasse as luvas? se rasgasse a calça? se desmanchasse o penteado? historias! o seu campo é outro, fogo a cartinhas perfumadas, e a olhares mornos; para isso tem elle um arsenal de seducções e estrategia de primeira ordem

Para homens conversa de mulheres,

para damas casos de guerra; para que serve a imaginação?

Se perguntarem a um collega — E do Seraphim, que diz você?

— Isso é um felizão pyramidal! lá nos casos serios doente sempre; baixa ao hospital na vespera da acção.

Se fallarem a uma dama:

— O Seraphim? ai? que homem, que valente, que heroe!

Meia hora depois de ter tido o gosto de lhe ser apresentado contava-me o illustre guerreiro o seu quinto amor. Uma circumstancia qualquer impediu a conversa que só continuou nos dias seguintes; no fim da primeira semana iamos no 75.º amor; no fim da segunda no 152.

— E ainda falta o melhor! disse-me elle.

As meninas conta proesas pasmosas. Ha dias contava elle a uma deliciosa joven de 16 annos:

— Quando servi na artilheria dormia a sêsta na carreta d'uma peça.

— Ih! Jesus!

— V. ex.^a admira-se; no arsenal dormi eu uma vez sobre um monte de bombas.

— E não tinha medo?

— Não estavam carregadas.

— Mas que dureza!

— Nada, deitei-lhe um colchão em cima, e depois o capote.

Estas historias fazem calafrios ás damas; depois os casos de força, galopes furiosos, pontarias de pasmarmos; e as batalhas! com que expressão e calor elle narra os terriveis combates! Approximase logo da meza.

— Aqui estavam os inimigos, aqui as peças, ali a cavallaria, alem os atiradores... Ás dez horas entramos na trincheira á baioneta callada; o fogo não cessava; a fusilaria era assim pim... pim... pim, pim... depois veio a cavallaria a trote, galope, trot... galop...

galop, galop... e bumba, a artilheria pum... pum... tum, pum... e os clarins ta, tem, tem, e as cornetas tá, tatá, ti... e as caixas rampatatam, rataplan, taplan.

E ao mesmo tempo gesticula, bate com os punhos fechados na meza, ou rufa com os dedos; admiravel! as damas teem pesadelos muitas noites seguidas.

— Como arranja você cavacos tão animados com as mulheres?

— Conto-lhes casos ferozes; é bastante para pôr muitas mulheres de beijo cahido; são lyricas, romanticas, hystericas, querem as scenas fortes, os crimes, as violencias, os espantos.

É o caso do Othello, sabem? Pergunta-lhe o magistrado:

— Olhe lá, Othello, sendo você tão negro, tão feio, tão grande e brutal como é que foi amado da gentil Desdemona, toda mimo, candura e suavidade?

— Ora essa! não me parece sua! sai-

ba vossoria que eu só lhe contava naufragios, guerras, abordagens, assassinatos e quejandas cabidellas, e quando lá ia a casa ella e a familia toda rodeavam-me e ouviam-me de queixo cahido.

— Mas viam em você o bandido, o cruel corsario, o homem das carnagens!

— Não senhor, viam em mim o heroe, o semi-deus. Repare bem e acha muito caso parecido entre os homens; ás vezes não é uma donzella, é uma nação inteira que se enamora do tyranno brutal.

Ora o general Seraphim, valha a verdade, não segue sempre o systema de Othello; tem duas tacticas, uma applicavel ás praças de 15 a 30 annos, outra ás cidadellas de 30 a 40; é conforme; por isto ás vezes bota o seu pedaço de ternura, os seus madrigaes; é o caso de Hercules, o desastre da roca: e é por isto mesmo que elle sabe na ponta da lingua duas poesias; são a sua artilheria grossa.

Quando na sala o virem approximar-se do piano, tomar posição de monumento, e preparar-se para recitar, attenção, começa a força do ataque, vai jogar o canhão, esperem pela brecha. Elle estuda tudo.

— O noivado do sepulcro — ? é senhora nova, lyrica, sujeita a vadagaios.

— Napoleão no Kremlin? — então a praça combatida é de 30 a 40; não falla, trata-se de scenas fortes.

A força, o vigor, a expressão com que elle declama!

— Vai alta a noite! — diz elle exactamente como o 20 da 4.^a brada *às armas!*

No — Napoleão no Kremlin — attinge uma força extraordinaria: eu, confesso, ainda não vi nada assim.

Ha poucas noites, na *soirée* do meu amigo Procopio, tive occasião de admirar mais uma vez a bella declamação do general.

Percebi logo aquelle olhar varador!

Era uma deliciosa dama de 38 annos que estava folheando vagarosamente os albuns.

O general aproximou-se do piano, e convidou para o acompanhar a filha mais nova do amigo Procopio, a Laurasinha, uma delicada menina muito prendada. N'essa noite admirei os dois ultimos trabalhos da encantadora joven; um cãosinho bordado a lã, encarnado e amarello, de uma verdade inexcedivel; e um gatinho de missanga, verde e azul, apanhando um rato cõr de cereja; — uma graça, um primor!

O general aprumou-se: fez-se um silencio solemne; a dama folheava o album vagarosamente, o espirito pairava n'outras regiões; o olhar do general fitava-se na fronte sympatica, nas bellas curvas da formosa dama.

A Laurasinha fez vibrar o teclado.

O general Seraphim começou:

No mais alto mirante um vulto grave e mudo,

A voz cava, a catadura carregada, os gestos largos e rapidos, como se tivesse espadas nas mãos e fizesse o inimigo em bifes. É tal o enthusias.no que muitas vezes o gesto, como é muito rapido, vai adiante da phrase.

— O céu! — e aponta para baixo, — o mar! — e aponta para o tecto, — a terra! e indica o lustre.

Contempla vagamente as vagas solidões.

A dama fechou o album, e fitou o general: seria impressão da cadencia só comparavel á do cabo de recrutas... um... dois... um... dois?

Ella fitou-o sorrindo. Elle subiu ainda; em breve parecia estourar a sala; se as janellas estivessem abertas a povoação inteira ouviria o — Napoleão no Kremlin —.

Na rua paravam grupos; como eu estava no vão da janella percebi perfectamente que havia gente parada, fallando alto, na rua.

De repente affastou-se o reposteiro e appareceu uma velhota de grande confiança na casa, uma visinha.

— Que é isto, minha senhora? ora que susto! julguei que havia alguma novidade! disse ella afflicta, a tremer, á dona da casa.

— Não visinha, não é nada, ora que lembrança; é o sr. general Seraphim que está recitando.

— Ora que susto? eu nem quiz acreditar os criados. E sabe que está muita gente na rua, inquieta, e com rasão; ouvem estes berros!

A dama dos albuns sem duvida muito commovida, escondeu o rosto com o leque.

O general cadã vez mais exaltado bradou:

— Quem é? o que faz? donde vem? com que fito?

A boa da velhota ficou a tremer como várás verdes.

— Eu sou a vizinha ali defronte, vim saber se seria preciso alguma cousa...

Felizmente o general não percebeu nada do que se passava; a dama do album vendo a candura da velha não resistiu, recostou-se, fazendo do leque *ecran*, e apertando nos dentes o lenço perfumado; o general, que não perdia um gesto da dama, subiu ainda:

Homem, emblema, esphinge, arcano!

.....

Na larga fronte um Deus!.....

E bateu rijamente com a mão no estomago.

..... *E dos olhos d'aguia um raio!*

E zás, um murro tremendo no hombro da pobre Laura; o banco gira, ella perde o equilibrio, e tomba no tapete. Que sensação! o general nem deu por tal.

—Como o som do clarim no dia da batalha!...

..... *Quem é?.....*

Os canhões responderam... Napoleão!

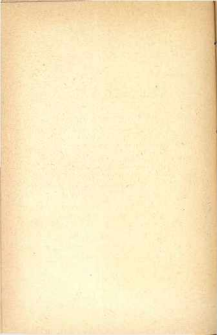
Bradou elle, estendendo muito o *leão*.

Terminou, era tempo; havia profunda sensação; quasi todas as damas tinham sahido da sala; na rua havia tumulto, um sujeito chegou a apitar, uns fallavam de fogo, outros de grave desordem; o Procopio e os parceiros do voltarete fallavam da janella serenando o povo; no *boudoir* esfregavam com agua de Colonia o delicado hombro da Laurasinha que tinha uma grande mancha vermelha.

Nunca ouvi declamar assim!



O PARDAL E O BELLO



O PARDAL E O BELLO

(SOBRE UM MOTIVO DE ANDERSEN)

Uma paizagem muito simples: nem vetustos castellos carrancudos, nem pinheiros a mergulhar nas nuvens, nem abysmos de phantastico aspecto, onde as correntes se precipitam em cataractas ruidosas; apenas um valle moldurado de collinas vestidas de pinheiros e estevaes, em baixo a ribeira correndo em leito pedregoso povoado de aloendros de folhagem verde-escura e brilhante.

Um moleiro aproveitou a corrente e fez

alli o seu moinho; construiu uma casa com sua azenha, o açude que represa parte da agua da ribeira, e a levada para conduzir a agua do açude, que vae cair nas travessas da roda da azenha, fazendo-a girar n'um ruido alegre, muito cheia de espumas e frescuras.

Depois o moleiro fez o quinchoso, o cerrado com seu vallado de silvas, figueiras da India e sabugueiros; plantou bacellos e estacas de oliveira, fez um pedaço de hortejo, e á beira do riacho meteu choupos e freixos.

Um dia, o Pai do Céu olhou aquelles sitios d'antes ermados, reparou na lida do moleiro e disse:

— Ora o bom do moleiro! como elle tem trabalhado!

E abençoou-lhe o trabalho.

As plantas cresceram bem, e agora está alli um ninho de verduras, uma paisagem fresca e mimosa, alli entre as collinas vestidas de estevas e pinhaes.

Heras verde-escuras treparam pelas paredes de pedra ensôssa, roseiras alastram-se nas caiadas. pela frente corre o parreiral; as andorinhas descobriram logo uns sitios tepidos, seguros, voltados ao sul, nos beirões do telhado; os pardões aproveitaram os agulheiros do moinho; os melros escolheram os sabugueiros dos valladões, as moitas de madre-silva; e uma cegonha fez o seu ninho no choupo mais alto.

Uma vez desceu um caminhante pelo atalho do pinhal; um viajante nada vulgar; vinha a pé, de bordão, sua mochilla ás costas, grande chapéu de largas abas; veio descendo a vereda e ao dar com a vista no moinho parou admirado.

— Que lindo! que formosa paizagem! que bello!

E procurou uma sombra, assentou-se n'uma pedra, abriu o seu *album* e começou a desenhar.

Ora todos sabem que os pardões são

mui curiosos, e aconteceu que um pardal, que por signal morava no agulheiro da azenha, andava, n'aquella occasião, girando pela collina; viu o desenhista, e logo veiu pousar na copa do pinheiro, para examinar melhor. Ouviu então as exclamações: — Que bello! que bello!

— Não entendo, piou o pardal com as suas pennas, o bello! que será?

Depois, o viajante foi escolher outro ponto de vista e começou a esboçar nova paizagem.

— Que frescura! que pittoresco, que harmonia de contrastes, que bello! exclamava elle a cada momento, com o entusiasmo dos verdadeiros artistas, ante as espontaneas maravilhas da natureza.

O pardal voou, seguindo a distancia o viajante, e foi pousar n'outra arvore, mirando-o mui curioso.

— O bello! que será o bello? ora muito gostava eu de saber o que é o bello!

Assim que o viajante partiu, voou logo o pardal a procurar o pae.

— Paesinho pardal, diga-me o que é o bello?

— Eu sei lá! que lembrança! tens ás vezes perguntas. . .

— Vi hoje um desconhecido que andou a mirar estes sitios, e a cada passo dizia: Que bello! que bello! Ora muito gostava eu de saber o que é o bello.

N'isto chegaram outros pardaes.

— Como estão? como vae isso? o centeio já estará madurinho? então achaste alguma cousa? foi trigo? foi milho? passou por aqui algum milhafre?

O nosso pardal começou logo a contar a historia do viajante; nenhum sabia o que era o bello; só um pardal dos mais velhos, tido na conta de muito fino e sabedor, e que por isto se julgava obrigado a dizer sempre alguma cousa, piou:

— Já tenho ouvido isso, não sei bem

o que é, deve ser uma espiga de trigo, ou cousa parecida.

Mas d'ahi a dias passou pelo moinho um rancho de raparigas e rapazes que iam para um brincatudo; desciam pela vereda cantando, esbraseados do sol; um rapaz na frente tocava a flauta; pararam mesmo ao pé da azenha.

— Oh! que bellas sombras! e que fresquinho! descancemos aqui.

— Oh! que bellas rosas!

Todos colheram rosas, e os rapazes enfeitaram as voltas das jalecas, e as raparigas ornaram os cabellos.

O pardal ouviu.

— Outra vez o bello, piou elle com as suas pennas; bellas sombras, bellas rosas; agora estou em confusão, parece-me que não chego a saber o que é o bello.

Esqueci-me dizer-lhes que o velho moleiro tinha familia; tinha mulher e filhos, e um dos filhos já casara e uma

das filhas tambem, de modo que o velho moleiro tinha esposa, filhos, genro e nora, netos e netinhas; era uma grande, honesta e laboriosa familia, que toda vivia no ninho de verdura, á beira do riacho.

Uma tarde passou por alli uma senhora vestida de luto, acompanhada de creadas; ia n'uma traquitana muito feia, mas commoda para jornadas por estradas más; andava viajando para se distraír, porque lá muito longe, em terras d'Africa, o marido morrera, havia pouco, servindo a patria e a civilisação. Passando pelo moinho, parou, apeou-se, descansou; não quiz entrar em casa, teimou em ficar á sombra da ôlaia, então rubra de flores por ser começo de primavera. A familia do moleiro veio toda cumprimental-a, trouxeram-lhe uma cadeira, um copo d'agua limpida e fresca, um cabazinho de laranjas, ramos de flores, e todos, desde o velho moleiro até á mais

pequerrucha das netinhas, cercaram a dama vestida de luto, e ella a todos dirigiu expressões bondosas e ao despedirse disse com voz cheia de saudade :

— Que bella que é a familia! que bella!

— Esta agora! piou o pardal, então n'isto tambem ha o bello! não posso entender!

— Deixa-te d'isso, não scismes n'essas cousas, são exquisitices dos homens, piam-lhe os outros pardaes; trata de apanhar o grãosito, a sementinha; olha, vem d'ahi comnosco allí ao quinchoso; o moleiro andou esta manhã a semear ervilhas, e agora foi dormir a sêsta; aproveitemos a occasião.

— Pois vamos.

E foram, mas não apanharam nma só ervilha, porque exactamente n'essa occasião appareciam os netos do moleiro, fazendo grande barulho com umas latas velhas, e berrando :

— Iche, pardalada brava! fóra ladrões!

Os pardaes fugiram todos com ataques nervosos.

— Ora esta! piava o pardal mais velho muito zangado, esta é que eu não esperava. Já os rapazelhos sabem que a lata velha nos ataca os nervos! não sei onde isto ha de chegar; já um pardal não pode ir comer a sua ervilha ao quinchoso, querem lá vêr!

— O bello! o bello! que será o bello! scismava o nosso pardal.

Passou a primavera, ia correndo o verão, fizeram-se as ceifas. Em poucos dias ergueu-se um grande fascal, e começou a debulha na eira. Que tempo, que fatura para os pardaes!

No primeiro dia tiveram grande susto, porque na eira viram todo o santo dia um homem muito exquisito, de braços abertos, fazendo sarilho com duas espadas. O primeiro pardal que viu o sanhudo guerreiro sentiu grande medo, fugiu logo, e foi contar o caso; depois

vieram muitos para o telhado, para os ramos das arvores, esvoaçando arripiados, piando com muita irritação.

E o tal guerreiro sempre no seu posto, e as espadas a girar, a girar.

Chegou a noite, recolheram-se os pardaes: logo de manhãzinha o nosso pardal, que era muito curioso, e que em toda a noite não pregára olho com o sentido no homem da eira, veio espreitar ao beiral. Lá estava o guerreiro! o pardal ficou aterrado, ainda n'aquelle dia não podiam saquear a eira, piou logo; os outros acudiram ao signal e começaram todos a piar cheios de indignação.

— Que desaforo! isto não se atura! então o trigo é só para elle? Ora que massador! que teimoso!

— Ora esperem lá! piou o pardal mais velho e espertalhão, aquillo não é um homem; parece, mas não é.

— Então que é? ora essa! então não vê que é um guerreiro aterrador, com os

braços muito abertos; fazendo sarilho com as espadas?

— Qual guerreiro nem meio guerreiro! nem homem é; mexem as espadas, mas elle está immovel; reparem bem, não se fíem na primeira vista. Vocês vão dar uns vôos pequeninos, primeiro ao chão, depois ao fascal, e nós aqui do telhado vemos se elle se mexe; se desconfiarmos de perigo, piamos logo, e fujam para cá.

Os pardaes nomeados para a melindrosa commissão partiram, voaram ao chão, deram uns pulinhos a uma pedra, a outra mais alta, lá estava o guerreiro no mesmo sitio; outros pulos, outro vôo, já no fascal, e o homem no mesmo sitio. Então um pardal mais ousado dá de subito um grande vôo, foi pousar no chapéu, e voltou logo piando muito.

— Não é homem, são uns paus com uns trapos, e o que nós julgamos espadas, são pennas de Perú que o vento faz girar.

— Bem desconfiava eu, piou o pardal mais esperto, é um espantalho, é uma cousa que os homens usam muito: está bem feito, está; a distancia illude, reparando bem conhece-se logo.

E voaram todos para a eira, para as pavêas do fascal, e houve banquete lauto de bom trigo. Pouco antes de nascer o sol ergueu-se o moleiro, abriu a janela, e veiu espreguiçar-se ao ar fresco da madrugada; os pardaes voaram logo para a beira do telhado, com os papinhos cheios, muito contentes.

— Sim, fia-te no espantalho!

— Bom espantalho, de longe mette medo, ao pé são trapos velhos e pennas de Perú.

E todas as madrugadas havia lauto banquete.

N'um domingo succedeu grande desgraça; a familia partira para a missa, ficaram as creanças fechadas em casa como de costume: era cautella precisa por

causa do pégo da ribeira. Mas todas as cautellas são poucas, e ás vezes pensa-se muito e bem em certas cousas, e esquece totalmente outra da maior consideração.

As creanças vendo-se fechadas, trataram logo d'arranjar brincadeira para passar o tempo, e uma d'ellas abriu o armario, achou uma caixa de phosphoros. Um achado!

— Oh! vamos fazer uma fogueira?

— Vá feito!

Mólhos de carqueja, vides seccas, ramos de oliveira, tudo puzeram no lar; se os puzessem pouco a pouco, talvez não houvesse perigo; mas, louquinhas, tudo amontoaram de uma vez, e tudo ardeu, levantando grande lavareda, tão forte que chegou ao madeiramento do telhado, pegando-lhe fogo. As creanças ficaram trémulas, convulsas de terror; depois, a mais velha, tinha dez annos, tomou coragem, sentiu o instincto da vi-

da, e com pasmosa energia conseguiu destrancar e abrir uma janella mais baixa; com esforço extraordinario no seu debil corpinho, fez descer as creanças sem se molestarem, e só depois de as ter salvado é que ella, já queimada, muito ferida, saltou tambem pela janella. O fogo em breve dominou o predio, consumindo as madeiras; abateram os telhados, as paredes ficaram derrocadas, tismadas pelo incendio.

Foi um grande desastre, e enorme a afflicção da familia ao voltar da missa. Felizmente o moleiro tinha amigos bons e verdadeiros, que lhe acudiram na sua desgraça, prova real para avaliar amizades; logo tratou de reedificar a casa; para aquella creança prodigiosa que salvára as companheiras é que ninguem tinha agradecimento e admiração que bastasse.

Poucos dias depois do incendio, quem havia de passar por alli? o tal viajante

já nosso conhecido. O pardal deu logo noticia d'elle e foi pousar a pouca distancia para o vêr e ouvir,

—Que bello! que bello! dizia elle, que pittorescas ruínas! aquelles muros negros, sevéros, aquella morte! formando contraste com a frescura das aguas, entre os variados verdes dos arvoredos, e a purpura dos pampanos do outono! que bello! — E começou a esboçar a paizagem.

—Ora esta! piava o pardal, então as ruínas são bellas tambem! Não consigo saber o que é o bello!

O viajante terminou o seu esboceto, e aproximando-se do moinho, fallou com a familia, e ouviu então o avô a contar, com os olhos rasos d'agua, de como a nétinha, aquelle anjo, salvára as outras criancinhas; e o viajante, com grande entusiasmo, abraçou a pequena heroína tão corajosa e dedicada, deu-lhe presentes, e exclamava:

2
Pardal

— Que bello e animoso coração! que bella criança tu és!

O pardal foi logo piar tudo aos companheiros, nenhum atinava com a significação do *bello*.

— Deixemo-nos de taes conversas, são coisas futeis, sem importancia; são uns patetas os homens; para nós não serve o *bello*; a nossa missão é encher o papinho de trigo, de bom grão, e estudar os espantalhos, as latas velhas e os gatos manhosos do moleiro.

Mais umas semanas e estava a casa reconstruida, mais alegre que d'antes; voltou a primavera e fez-se o casamento da segunda filha do moleiro,

Uma noite, como estava calor no agulheiro da azenha, veiu o pardal dormir no beiral do telhado.

Era uma noite de luar, tão claro, tão suave! uma noite de maio; a aragem mal bulia as folhagens que pareciam de prata; no ar fluctuavam perfumes dos

pinhaes, das laranjeiras floridas; ouviram-se cicios mysteriosos nos arvoredos, e o marulhar, de doce monotonia, das aguas no açude; mas sobre os brandos murmúrios, na serenidade tépida da noite de luar, destacavam, em vibrações limpidas, os ternos gorgeios, os nitidos trinados do rouxinol escondido no bal-seiro sombrio.

— Que tal está o rouxinol! agora é que se lembra de cantar, alta noite! não me deixa dormir! pensava agastado o pardal.

Abriu-se de mansinho a janella do quarto dos noivos, e elles encostaram-se a gosar o luar, a ouvir deliciados a elegia sonora da avesinha.

— Que belleza de gorgeios! como aquelle cantar se liga bem com a suavidade d'uma serena noite de luar!

— Ai! pensou o pardal, agora é o cantar do rouxinol que é bello! tem razão o pardal velho, ha muito patetinha n'este

mundo; e logo de manhã contou o caso; todos piaram chasqueando muito.

— O rouxinol! um passarito sem importancia alguma; muito feio, não tem geito para nada; um extravagante sem emenda; não tem horas certas; é noite alta e ainda elle está para ahi a cantar; e sempre muito escondido, não tem bico para apparecer; não são capazes de o vêr, como a pardalada, saltar em bando na seara ou na eira; um ignorante que não sabe onde está o trigo, e que se assusta com qualquer espantalho.

— A final de contas renuncio de todo a saber o que é o bello, concluiu o nosso pardalinho.

A ribeira seccou no verão; a espaços havia poças, pequenos pégos cercados de junças e espadanas amarelladas; havia dias em que as aves voavam afflictas pela calma, de um para outro lado, procurando agua, porque nas poças proximas do moinho estavam muitas vezes

os rapazes brincando, abrindo poços e canaes na areia.

Um dia, pelo começo da tarde, á hora da grande calma, não estava ninguem na ribeira. Os pardaes vieram pousar no freixo.

— Vamos beber? vamos borrifar as pennas, sacudir o pó?

— Espera, lá estão; olhem alli na sombra do vallado.

— Estão a dormir a sésta.

— Isso não é certo!

— Rapazes tão quietos, piou o pardal velho; será bom desconfiar!

— Qual! com a calma deitaram-se na areia, á sombra, e adormeceram; estão tão quietinhos.

— Pois eu não vou, vão vossês se quiserem.

Voaram tres ou quatro a beber na poça; logo um ruido, muita poeirada, uma rede por cima; elles saltaram como se fossem molas, mas um não conseguiu

fugir, ficou preso na rede o nosso pardalinho curioso do bello; imaginem como elle ficou, muito agachadinho, arripiado de terror.

Os rapazes sahiram logo do esconde-rijo, correram á rede, e trouxeram o pobre pardal, mais morto que vivo, para casa; foi uma festa! andou de mão em mão, e o gato a vêr se tinha occasião de abocar o pobre pardal, miando muito mavioso.

N'isto a menina mais velha, a tal que salvou as crianças no incendio, teve uma idéa:

— Olhem que o avôsinho diz que não é bom fazer mal ás avesinhas; não gosta d'isso, tomem sentido. Vamos nós enfeitá-lo e deixá-lo voar?

— Está dito!

Ella então poz-lhe uma fitinha encarnada ao pescoço, atou nas pennas da cauda umas tirinhas de papel dourado, e com a penugem d'um pombo ainda

muito novo fez um penacho que lhe pegou na cabeça com gomma arabica.

Os rapazes faziam grande festa vendo o pardal mascarado, ninguem diria que era um pardal; este tremia, mas sempre com os olhos muito abertos esperando occasião favoravel para a fuga. De subito a pequena chegou á janella, e largou-o.

Que alegria! a liberdade!

O pardal voando fazia grande vista, parecia um faisão pequenino, com o seu pennacho, as tiras de papel dourado, a sua colleira encarnada; foi em fio pousar no loendro da ribeira; respirou.

— Do que eu me livre! piou elle com as suas pennas; mas como eu estou enfeitado, que elegancia, que brilhantismo! será isto o bello? deve ser, é com certeza; encontrei-te afinal! como os meus collegas vão admirar e invejar o meu pennacho, a minha fita, os meus dourados! e cheio de orgulho voou para o sllvedo do quinchoso, onde os pardaes es-

tavam em grupos. Que sensação! Não o conheciam, piavam todos muito nervosos: que ave será esta? será d'arribação?

O pardal piava cheio d'altivez.

— Já me não conhecem? estão admirados da minha pompa! grandes trabalhos me custou. Eu sou o pardal que andava procurando o bello, fiquei prisioneiro na poça da ribeira, estive nas mãos dos rapazes, vi mesmo ao pé de mim o gato do moinho.

— Ora, historia! Esse morreu.

— Não morri tal, escapei, venci, consegui achar o bello; vejam esta pompa, este brilhantismo.

Os pardaes aproximaram-se então, e conheceram-no. Piaram logo mangando muito:

— Isso é tudo postiço. Não é bello, é ridiculo. Ora o vaidoso! Para que é a fita vermelha? e os papeis dourados? e esse grande pennacho? e um puchavalle a fita, outros arrancavam-lhe o pen-

nacho, outros rasgavam os papeis dourados; e tanto rasgaram e arrancaram, que o pobre pardal tudo perdeu e fugiu espavorido, moído, depennado.

— E eu que julgava ter alcançado o bello, e só tive o ridiculo! decididamente, não nasci para saber o que é o *bello*; com os ornatos, o pennacho e os dourados, só alcancei o ridiculo!

Desde então o nosso pardal dedicou-se completamente a estudar os assaltos das eiras; das terras semeadas de fresco; das lourejantes seáras; e á critica dos espantalhos, das latas velhas, e do gato manhoso do moleiro. E raras, raras vezes, lembra-se da sua mocidade e pia — que será o *bello*?





INDICE

A Chica do Vairão	Pagina	9
Um dia no campo	»	25
O palácio dos Ratos e a quinta das Ra- posas.....	»	45
A ferida	»	69
A flôr do Paraíso ..	»	83
O caso do Alferes Apollo	»	109
Cuidar e não cuidar	»	127
O General Seraphim recíta uma poesia ..	»	151
O pardal e o Bello	»	165



